This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

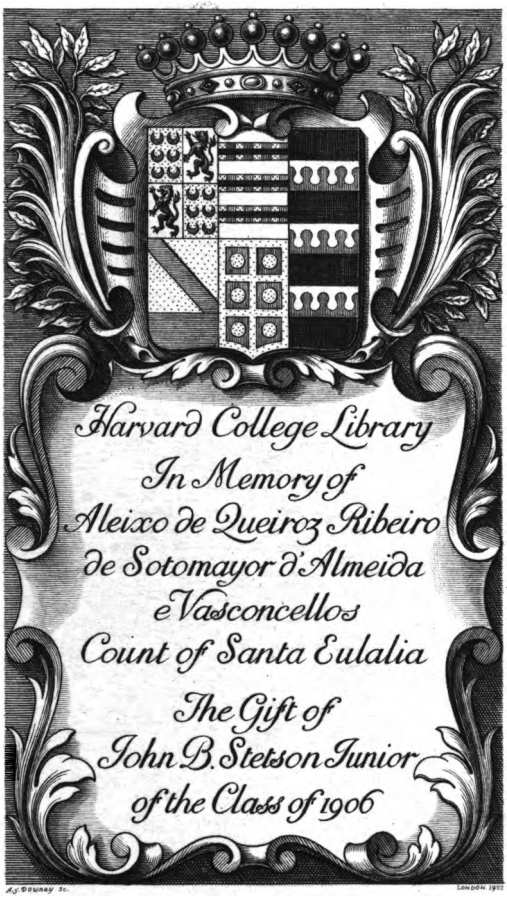
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

PoPl
6229
7.
WIDENER
HN ZK6L -
HARVARD
UNIVERSITY
LIBRARY
Digitized by Google

Port 6229.7.305



Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

CASAMENTO E DESPACHO.

COMEDIA EM 3 ACTOS

POR

ANTONIO DE SERPA.

LISBOA

TYPOGRAPHIA DO PANORAMA

Travessa da Victoria 52.

1856

Digitized by Google

Digitized by Google

CASAMENTO E DESPACHO.

COMEDIA EM 3 ACTOS

POR

ANTONIO DE SERPA.

LISBOA
TYPOGRAPHIA DO PANORAMA
TRAVESSA DA VICTORIA, 52
—
1856

Digitized by Google

Port 6229.7.305

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION
GIFT OF
JOHN E. STETSON, Jr.
9 DEC 1924

25-123
191-

Digitized by Google

PREFACIO.

Esta comedia, ou antes este esboço, foi uma tentativa. O autor quiz experimentar a cultura d'este importante genero litterario, a comedia da epoca verdadeiramente portugueza, no dialogo, nos caracteres, na acção e nos costumes. A experiencia foi timida, mas o empenho era elevado. Se artifices mais ousados e resolutos proseguirem na tarefa, será um grande serviço ás lettras e ao theatro nacional, Provar que o nosso idioma, sem perder a sua indole, é tão adequado como o francez para o dialogo animado, rapido e picante da comedia moderna, reflexo litterario da linguagem da sociedade, que a França, paiz modelo na arte delicada da conversação, tem aprimorado, é uma condição essencial da existencia de um theatro portuguez, que verdadeiramente mereça este nome.

A tarefa é ardua no começo, porque a sociedade e a litteratura mutuamente se modificam e reflectem, e difficilmente o estylo dramatico pode ser correctamente litterario, sem fugir da verdade, quando o estylo da sociedade, que pretende retratar, anda longe da litteratura e da correcção.

Como traduzir nas formas da arte, com as feições e o colorido do proprio idioma, a linguagem de uma sociedade, que é um perpetuo gallicismo ou o puro francez, quando quer exprimir-se com graça, ou desce na vulgaridade, quando pretende, sem saber, ficar genuinamente portugueza? Dois escolhos fataes para o estylo dramatico. Commum e desengraçado ou incorrecto, se é natural, falso e pretencioso, se é litterario. Evitar os extremos, ir combinando a verdade do dialogo, como elle se trava nas salas, com o sabor e correcção de verdadeiramente portuguez, que lhe falta, eis o trabalho do poeta. Aponto os parceis, n'estes mares pouco navegados. Se entenderem que n'elles dei á costa, sirva o meu naufragio de exemplo e lição a outros Palinuros.

É necessario tambem que não só na linguagem portu-

Digitized by Google

gueza, na forma externa, senão no fundo dos caracteres e do pensar as pessoas da comedia sejam nacionaes. Algumas obras conhecemos por ahi, em que se falla a nossa lingua, mas em que se pensa em francez — perdoem-nos a figura. Ha composições muito originaes e muito portuguezas no involucro exterior, mas cujas personagens parecem traduzidas.

Ainda hoje que a facilidade de tracto e rapidez admiravel de communicações tendem a unificar a civilisação e a fazer de todas as povoações da Europa como bairros d'uma grande cidade; hoje que a communidade de idéas e de interesses aproxima as distancias moraes, como as physicas, e destroe as antipathias de caracter, como faz desapparecer o antagonismo dos interesses; hoje ainda differenças mais ou menos profundas, ou, se querem, gradações mais ou menos declaradas distinguem o modo de viver e de pensar, nas diversas nações.

O vestuario, as formulas geraes, os costumes, como a legislação e as idéas capitaes, que vigoram, podem ser muito similhantes. Mas no amago das coisas, e na maneira de pôr em pratica ha toques caracteristicos, que distinguem a sociedade dos diversos povos, e que mostram mais ou menos perceptivelmente a raça, os costumes, os habitos e tradições de que descende cada um. A comedia, para merecer este nome, deve pintar a sociedade, e a pintura, para ser fiel, reproduzir tudo isto. Ha vicios e ridiculos, communs na nossa epoca a quasi todos os povos, mas que em cada um se patenteiam por modo diverso. Se pintamos em Portugal com as côres francezas, se desenhamos os ridiculos da nossa sociedade com os nossos nomes e a nossa linguagem, porém com *os modos* de Paris, fazemos uma coisa, que não é nem a verdade de Portugal nem a verdade de França.

Outro escolho encontra ainda entre nós o poeta dramatico. Os nossos actores estão muito pouco feitos ao novo ge-

Digitized by Google

nero, e menos ainda a maioria do publico, que frequenta os theatros portuguezes.

Não se intenda, porém, que pretendemos d'este modo explicar em nosso abono a indecisão e reserva, com que esta comedia foi recebida. Os actores fizeram o que estava ao seu alcance, e o publico, que enchia a casa na primeira representação, era do mais culto e selecto.

Algumas censuras, que n'aquelle momento se fizeram á obra, não descontentaram inteiramente o autor. Provaram-lhe ellas — postos de parte os defeitos de forma e o pouco fundo e valor da composição — que elle teria talves ultrapassado o alvo, mas que não errar a direcção.

O notavel foi que os censores eram entre si contradictorios. Uns accusavam a peça de immoral, outros de excessiva severidade para com certos vicios e defeitos.

Ora os espectadores, que assim entendiam, estavam acostumados a ver, sem escandalo, os quadros muito menos pudicos, e a ouvir as satyras contra o vicio não menos pungentes, nas comedias do reportorio francez, que se tem dado nos nossos theatros, já no proprio idioma, já vertidas para o nosso. Se o que o autor diz na peça tivesse menos côr local, não provocaria graves reparos. Tanto mais, quanto são rapidos os toques, com que se esboçam alguns typos da sociedade actual, em quadro tão limitado e singelo.

Se o autor quizesse attribuir a causas estranhas o successo mediocre de uma composição, que não podia aspirar a muito, havia de lançal-o á conta da espectação prevenida por antecipados juizos.

Esta tentativa insignificante tinha levantado, quando estanciava ainda nos limbos da censura official, uma certa celeumasinha. Almas caritativas se tinham incumbido de talhar carapuças no acanhado estofo da obra para as pessoas do seu conhecimento. E n'estas coisas, lançado o tiro, embora as figuras, que o autor desenhara, tenham as mais com-

Digitized by Google

muns e genericas feições, todos julgam lá ver as physionomias, que uma vez se inculcara. O autor protesta aqui contra a intenção, que com menos justiça se lhe poderá ter attribuido a este proposito.

O autor quiz seguir as *theorias* de um grande artista: *pintar do vivo e desenhar do nú.* São preceitos do autor do *Frei Luiz de Sousa*. Não lhe hão-de negar a autoridade.

« O povo — diz o grande poeta (*) — quer verdade. Dae-lhe a verdade do passado no romance e no drama historico, no drama e na novella da actualidade offerecei-lhe o espelho, *em que se mire a si e ao seu tempo*, a sociedade, que lhe está por cima, abaixo e ao nivel.»

O autor da comedia quiz tentar os preceitos do mestre. Não lh'o podem levar a mal.

Accordemo-nos porém. Por *pintar do vivo e desenhar do nu* não intendemos a allusão pessoal. O desenho do caracter não é o daguerreotypo da pessoa. Trazer para o theatro circunstancias particulares e factos conhecidos, que se déram com determinado individuo, a ponto de os espectadores lhe pronunciarem o nome, temos que é altamente reprehensivel. A consciencia do autor está pura d'essa macula. Porém desenhar typos, que tinham a feição da epoca, e que o espectador possa aproximar, não de um, mas de muitos individuos do seu conhecimento, isso fez, e quiz fazer o autor. Isso deve ser a comedia.

Molière — perdoem-nos o exemplo, porém a lei é egual para todos — Molière, creando os *Tartufos*, os *Geronies* e os *Trissotins*, teceu outras tantas carapuças, que não levaram sobrescripto, mas que parece ajustaram perfeitamente a muitas cabeças do seu tempo. Peior para as victimas, se os algozes officiosos lá lh'as foram pôr. Diremos como o poeta hespanhol: *Quien haja aplicaciones com su pan se lo coma.*

(*) Memoria offerecida ao conservatorio real de Lisboa, a propósito do drama *Frei Luiz de Sousa*.

Digitized by Google

PERSONAGENS.

PEDRO JORGE...	35	ANNOS.
JULIO DE ATHAIDE.	22	»
ROBERTO	45	»
ESTEVÃO DE MOURA	60	»
BORGES	40	»
O CONDE DA SILVA	50	»
ROSA DE MOURA	18	»
A CONDESSA DA SILVA.	38	»

QUATRO CONVIDADOS.—UM TABELLIÃO.—UM CRIADO.

HOMENS E SENHORAS EM TRAJES DE BAILE.—PARENTES E AMIGOS DE ESTEVÃO DE MOURA.—CRIADOS.

A scena passa-se em Lisboa—Epoca actual.

Digitized by Google

Digitized by Google

ACTO I.

Uma saleta mobilada com elegancia. Portas lateraes. Um sophá do lado direito, a conveniente distancia da parede lateral, candeeiros de globo, e castiçaes ou serpentinas sobre as mesas, alumiando a scena,

SCENA I.

ROBERTO E JULIO D'ATHAIDE.

(*Roberto está estirado no sophá. Julio entra pela esquerda, e dirige-se a elle.*

JULIO.

Dormes ou meditas?

ROBERTO.

(*Bocejando.*) Enfastio-me. Não ha nada mais insipido do que uma partida... para quem não faz a côrte a alguma mulher, bem entendido.

Digitized by Google

JULIO.

Já não danças?

ROBERTO.

Tinha que ver!... Um homem da minha edade!...

JULIO.

Da tua edade!... Não vêem o grande velho!

ROBERTO.

Não são os annos que fazem a velhice, meu caro; conheço creanças caducas, e septuagenarios, que nunca sairam da infancia. Mas um homem, que foi quinze annos um dos ornamentos do fôro lisbonense — permitte-me esta expansão de vaidade — não pode mais dançar, sob pena de menoscabar a dignidade dos seus antigos clientes.

JULIO.

Estás, como agora se diz, *blazé*.

ROBERTO.

Não te agradeço o comprimento. *Blazé!*... Eis uma palavra franceza, que nunca se applica com propriedade senão aos idiotas.

JULIO.

(*Puxando uma cadeira para defronte do sophá.*) Roberto! tenho necessidade dos teus conselhos, hasde ser o meu mentor.

ROBERTO.

Não me sobra a vocação para o officio. Prometto po-

Digitized by Google

rém, fazer a teu respeito, uma excepção á regra, que me tenho imposto. Sinto uma sympathia invencivel para tudo o que é generoso e modesto. E como poucos tenho conhecido com estas qualidades em tão subido ponto...

JULIO.

Serás quem me guie nos caminhos e segredos d'esta sociedade, onde entro com os olhos fechados.

ROBERTO.

A nossa sociedade!... Eis uma coisa, que não é das mais perigosas... nem das mais divertidas, tampouco. A tua posição é simples. Chegas de Coimbra, com a reputação de um grande talento oratorio, com toda a vaidade, innocente e desculpavel, dos teus triumphos academicos. Antes de entrares na vida positiva, e para pagares o tributo á edade, gostas dos bailes, da dança, da vida airada dos passeios, das reuniões e dos espectaculos. Um namoro em taes circunstancias, é inevitavel. Tinhas a escolher uma das duas sendas mais praticaveis, a dos bastidores, ou a das salas... uma dançarina, ou uma condessa... dilemma impreterivel. Preferiste a sociedade aos bastidores. Não vejo n'isso grandes riscos, a não ser o de prenderes as azas, com que começas a querer esvoaçar no mundo elegante, em alguma das têas d'aranha, que tem apanhado mais d'um insecto da tua especie.

JULIO.

Mas, suppondo que eu seja insecto, ao que é que chamas têas d'aranha?

ROBERTO.

Têas d'aranha, meu caro Telemaco — visto que eu sou o teu Mentor — são os laços, que certas Calipsos armam á

Digitized by Google

vaidade d'alguns mancebos de coração sensivel, fazendo-os christalisar em cultores da antiguidade, que morrem para a vida commum, e limitam a sua existencia a adorar as venerandas divindades... que ha trinta annos eram já famosas no Olimpo.

JULIO.

Não receio os perigos d'essa ordem. Tenho uma paixão, mas digna d'um homem... Foi uma especie d'apparição celeste, que rasgou um novo horisonte no meu futuro!... Não achas alguma coisa d'angelico n'aquella creatura candida e poetica?...

ROBERTO.

(*Rindo.*) Acho poesia de mais para a filha de um desembargador.

JULIO.

Não zombes. Se ha alguma coisa séria na minha vida, é este amor. Foi o anno passado, nas Praias, que a vi pela primeira vez. Depois de um anno d'ausencia, torno a encontral-a, a mesma creatura, com o olhar e o sorriso, que fazem lembrar os anjos...

ROBERTO.

Tregoas, tregoas ao idylio... Mas na verdade, se as physionomias não enganam, encontro n'essa rapariga — que tu chamas *candida e angelica*, e que eu chamarei Rosa, que é o seu nome de baptismo — um não sei que de bondade e dedicação, que torna as mulheres, que tem essas qualidades, as creaturas mais excellentes da terra, e por antithese as que as não possuem os entes mais insupportaveis. E a creatura... angelica acceita o amor do poeta?

JULIO.

O anno passado... parecia corresponder á minha affeição.

Digitized by Google

ROBERTO.

E agora?

JULIO.

Esperanças apenas... illusões talvez.

ROBERTO.

O que retarda uma declaração formal?

JULIO.

Ella é rica, e eu não o sou.

ROBERTO.

O escrupulo é delicado, mas excessivo. E o teu nome, e o teu talento?...

JULIO.

O pae é demasiado ambicioso, para me acceitar sem fortuna e sem posição. Se o meu nome não é completamente obscuro, pode escolher entre os mais illustres. Não tenho coragem para me metter na fileira d'esses adoradores por especulação, que em vez de lhe apreciarem os dotes...

ROBERTO.

Lhe apreciam o dote. É natural.

JULIO.

Tremo de pronunciar uma só palavra de amor, com esta pavorosa idéa de que se pode tomar como a expressão de um sentimento interesseiro.

Digitized by Google

ROBERTO.

Que contas fazer, n'esse caso?

JULIO.

Tenho o meu projecto.

ROBERTO.

Vejamos.

JULIO.

Desculpa-me, se n'isto ha vaidade. Vejo por ahi tanta gente sem merito, sem habilitações, conquistar em pouco tempo uma posição elevada. Por que não heide eu, com mais recursos, chegar em menos tempo.

ROBERTO.

(*Sorrindo.*) Por que os outros, sem merito, subiram, queres tu com elle chegar ao mesmo resultado? Eis uma logica, que não faz muita honra á universidade, nem aos teus diplomas.

JULIO.

Porque?

ROBERTO.

Porque!... Tu nunca lêste Proudhon?

JULIO.

Que lembrança!

ROBERTO.

Diz não sei aonde que o sylogismo tem sido o perpe-

Digitized by Google

tuo sophisma do espirito humano. Estou quasi achando-lhe razão. De que os outros sobem com menos recursos, conclues tu, mancebo de talento e de esperanças, poder chegar em menos tempo. Eis uma conclusão, digna de Aristoteles, ou do Genuense. Pois digo-te que não ha nada mais absurdo. Os que não tem merito sobem, é por isso que não subirás tão facilmente.

JULIO.

Exageração, meu caro. Não me queiras convencer de que os que sobem mais depressa são os que tem menos talento.

ROBERTO.

Tens razão; são os que não tem nenhum. O homem de pouca intelligencia conhece a fraqueza de suas forças e acanha-se; o que não tem nenhuma, ignora-se completamente e arroja-se. Abalança-se a tudo, porque para tudo se julga proprio. — Julga que para ser ministro, sabio, orador, basta ser homem e ter uma voz, ou um tinteiro e meia folha de papel. Chega a qualquer assembléa e ora, pega n'uma penna e escreve. Tortura a logica, e assassina a lingua, arrepela o bom senso, é verdade; mas mostra-se e caminha: faz-se jornalista, cortezão, propõe-se a deputado, e pretende as mais altas dignidades. Ao principio é recebido com o epigramma d'uns, com o sarcasmo d'outros, com os apupos da multidão ás vezes. Porém a audacia impõe ao grande numero, que não é dos atilados; a fortuna ajuda-o; os intrigantes servem-se d'elle; a parcialidade ou corrilho, em que se filia, protege-o. E dentro em pouco é uma summidade... que ri lá de cima dos homens de bom senso, que lhe chamam tolo, e que o deixaram passar adiante.

JULIO.

Isso, meu amigo, é calumniar a humanidade.

Digitized by Google

ROBERTO.

Não; é a historia de muitos medalhões d'este paiz. . .

JULIO.

D'esse modo, caminha-se para o obscurantismo, e não para a civilisação.

ROBERTO.

Não. Eu creio no progresso. A humanidade caminha sempre, apesar de tudo; sómente o seu movimento não é tão rapido, como a gente pensa aos quinze annos. Tu entras agora na vida, meu Julio, cheio de esperanças e de illusões. Sentes a ambição legitima e as aspirações elevadas, esses incentivos, que abrasam a imaginação de todos os mancebos, dotados, como tu, do talento, do espirito, e de sentimentos nobres, esse outro talento do coração. Prepara-te para as decepções da vida. A tua estreia d'orador, nos bancos da universidade, creou-te uma reputação, e pretendes agora soltar o vôo em mais largos horisontes. Não julgues facil a empresa. Na antiguidade, orava-se na praça publica, e todo o cidadão podia subir á tribuna. Hoje a eloquencia politica refugiou-se nos parlamentos, e o chegar lá nem sempre é facil, quando se quer chegar com honra, sem vender a opinião ás conveniencias de um partido, ou mendigar com baixeza a protecção omnipotente de um ministro.

SCENA II.

OS MESMOS, ROSA E A CONDESSA DA SILVA, *que entram pela esquerda.*

ROSA.

Muito bem, senhor Roberto; faça discursos, em quanto as minhas amigas ficam sem dançar, por falta de parceiros.

Digitized by Google

ROBERTO.

Vossa excellencia sabe que já não danço, minha senhora. A ter de quebrar essa resolução, seria por certo para festejar este dia de tão feliz anniversario.

ROSA.

Quem tem sempre tão bonitas coisas para dizer ás senhoras não devia nunca deixar de dançar.

ROBERTO.

É excessiva modestia, minha senhora, pensar que eu diria isto a todas. (*Para a condessa.*) Como passa o nosso illustre conde, senhora condessa?

CONDESSA.

Incommodos d'imaginação!.. Doente, quando não falla em politica. Todas as manhãs se declara indisposto; chegam os jornaes e fica de perfeita saude. Os artigos de fundo servem-lhe de cozimento.

ROBERTO.

Dou-lhe razão; alguns produzem esse effeito a toda a gente.

CONDESSA.

Satyrico!

ROBERTO.

Verdadeiro, minha senhora.

CONDESSA.

A proposito, tenho um segredo a dizer-lhe. (*A condessa*

Digitized by Google

e Roberto fallam em voz baixa. Rosa e Julio ficam um momento silenciosos, e com os olhos baixos. Rosa brinca com o ramalhete que traz na mão.)

JULIO.

(*A' parte.*) Quando estou junto d'ella, perco a coragem... não sei que dizer-lhe.

ROSA.

(*A' parte.*) Nunca me falla, quando estamos sós. Eis um orador — segundo dizem — que, para mim, só tem a eloquencia nos olhos.

JULIO.

(*Com embaraço.*) Lembra-se ainda d'aquellas deliciosas noites das Praias no verão passado... ao luar, á beira do Tejo... quando a ouviamos cantar?

ROSA.

É muito lisonjeira, para mim, essa recordação.

CONDESSA.

(*Para Rosa.*) Vamos, menina. (*Para os dois.*) Voltamos já.

(*Saem pela direita.*)

SCENA III.

ROBERTO E JULIO.

ROBERTO.

(*Rindo.*) São d'uma curiosidade estas nossas mulheres!.. Perguntou-me se fazias a côrte á pequena.

Digitized by Google

JULIO.

E quem é essa curiosa, a quem chamaste condessa?

ROBERTO.

Não conheces?.. A condessa da Silva, uma das nossas primeiras elegantes.

JULIO.

De ha vinte annos.

ROBERTO.

De ha vinte annos, e da actualidade. Ainda ha muito quem aprecie... Olha, lá vem justamente o Pedro Jorge... e de braço dado com o conde, de mais a mais. (*Rindo.*)

SCENA IV.

OS MESMOS, PEDRO JORGE E O CONDE DA SILVA.

(*Os dois entram vagarosamente. O conde encosta-se ao braço de Pedro Jorge, e ambos passeiam ao fundo da scena, conversando em voz baixa, e com animação.*)

JULIO.

(*Para Roberto, olhando para os dois.*) Pedro Jorge! O celebre Pedro Jorge!

ROBERTO.

Em pessoa.

Digitized by Google

JULIO.

Mas a que proposito ris, pelo ver de braço dado com o conde?

ROBERTO.

A proposito de que ha quem goste de mulheres d'uma certa edade.

JULIO.

Não vejo...

ROBERTO.

Então estás como o marido, que tambem não vê.

JULIO.

Pois faz a côrte á condessa?!.., E anda de braço dado com o marido?!

ROBERTO.

Ah! meu caro Julio! Estás de uma ingenuidade digna dos selvagens do novo mundo.

JULIO.

E' uma infamia!

ROBERTO.

É. Mas está em moda em todos os paizes civilisados. Vae fallar com todos os que a praticam, e vê se não invocam a cada momento os deveres da honra e da lealdade, como se vivessem em boa harmonia com essas divindades... mythologicas.

Digitized by Google

JULIO.

Este conde da Silva é um homem importante, na politica, não é verdade?

ROBERTO.

É... de longe. Tem a importancia d'uma taboleta. E' um homem rico e d'uma das mais distinctas familias do paiz. Fizeram-n'o uma vez governador civil, á falta de gente. Desde então ficou homem importante, devorado como tantos outros, pelo prurido do funccionalismo. De resto, excellente pessoa, e d'uma boa fé conjugal, digna dos nossos tempos.

PEDRO JORGE.

(*Reparando em Roberto e Julio.*) Olá, Roberto! Encontro-te a proposito, para decidires uma disputa, entre mim, e este estimavel conde que leva a firmeza dos seus principios até ao absurdo.

ROBERTO.

Se é questão politica, não tenho voto, porque o fiz de me abster n'essas materias. Aqui te apresento, assim como ao senhor conde, o meu joven amigo Julio d'Athaide, cujo nome é já conhecido, por uma brilhante carreira academica.

CONDE.

(*Para Julio.*) Tratei muito com seu pae, que Deus haja, quando fui governador civil em Santarem... no tempo em que se empregava gente seria nos cargos elevados. Era um honrado cavalheiro...

PEDRO JORGE.

(*Para Julio.*) Já era seu admirador, como o sou de todos os talentos.

Digitized by Google

CONDE.

(*Para Pedro Jorge.*) Mas voltemos ao nosso caso. Não cuide vossa excellencia escapar-me... visto que o senhor Roberto não quer decidir a questão, vamos bater a outra porta. Eu louvo-me na primeira pessoa. (*Para Roberto e Julio.*) Até já, meus senhores.

PEDRO JORGE.

Julgo-me feliz por ter travado relação com um mancebo tão distincto. A mocidade verdadeiramente esperançosa, tem em mim um campeão.

(*Inclinam-se os dois, e apertam a mão; depois o conde e Pedro Jorge saem pela esquerda.*)

SCENA V.

JULIO E ROBERTO.

JULIO.

É amavel, este homem.

ROBERTO.

Acautela-te.

JULIO.

Porque motivo?

ROBERTO.

É um intrigante.

Digitized by Google

JULIO.

Mas apertaste-lhe a mão!... E tratalo por tu!...

ROBERTO.

Se a gente não apertasse a mão senão aos homens de bem, era dia de festa aquelle em que se preenchesse mais de uma vez essa formalidade. E' necessario seguir a linha da honra e do dever, mas não ser Catão com os outros. A sociedade compõe-se de bons e maus. Vive-se com todos, a todos se trata bem; sómente tem-se o cuidado de desconfiar de muitos, e de tomar cautela com a maior parte. Fomos contemporaneos, na universidade, ficámo-nos tratando por tu.

JULIO.

Mas este Pedro Jorge passava por homem de caracter.

ROBERTO.

Passava.

JULIO.

E então?

ROBERTO.

Era uma reputação falsa...

JULIO.

Ao menos em politica, tem-se conservado firme.

ROBERTO.

Não é má firmeza!

Digitized by Google

JULIO.

Pois não é ainda redactor do celebre *Estafete Lusitano*, uma das columnas de Hercules da opposição?

ROBERTO.

Ha tres dias que redige o *Correio Nacional*, jornal que apoia o ministerio.

JULIO.

E' incrivel!

ROBERTO.

Passou do *Estafete* para o *Correio*; não foi uma grande mudança.

JULIO.

E deram-lhe algum cargo elevado? O conde deu-lhe excellencia.

ROBERTO.

O que tem isso? Dá-se hoje a toda a gente.

JULIO.

Mesmo áquelles, que a não tem?

ROBERTO.

Quem é que se contenta hoje com o que tem? Ha quatro seculos, a *senhoria*, que hoje se despresa, era o tratamento que se dava aos monarchas; o que me faz conceber a esperança de que ainda todos venhamos a ter *alteza* e talvez

Digitized by Google

magestade. A vaidade humana é sem fim, como o parafuso de Archimedes.

JULIO.

Mas um homem, que tinha constantemente advogado os principios da democracia...

ROBERTO.

Examina, se tens paciencia, a vida de todos os homens, que enfeitam hoje o peito da casaca com uma commenda ou qualquer outro distinctivo da mesma especie. Metade d'elles eram demagogos, em quanto as caricias do poder lhes não ensinaram a grande theoria das conveniencias politicas... (*Rindo.*) Pobre Pedro Jorge!

JULIO.

Porque o lamentas?

ROBERTO.

Porque é infeliz n'este momento. Não viste como o conde o levava a reboque? Comprehendes a significação d'esta palavra rasteira, mas expressiva: *massador?* Eis o que é o conde... além do resto. Uma condessa, mesmo em melhor uso, por tal preço, é cara.

JULIO.

Se fossemos dar uma volta pelas salas. Os teus commentos divertem-me.

ROBERTO.

Divirta-se a creança. (*Saem pela direita.*)

Digitized by Google

SCENA VI.

PEDRO JORGE, E BORGES, *que entram pela esquerda.*

PEDRO JORGE.

Respiro. Que serviço, amigo Borges, tirar-me das garras d'aquelle eterno massador do conde da Silva... Vamos ao negocio. Que diz o ministro?

BORGES.

Põe certas difficuldades.

PEDRO JORGE.

Difficuldades! Quando acabo de abandonar os meus amigos politicos, uma posição importante no partido, uma candidatura certa nas proximas eleições... nega-se-me um miseravel logar de secretario de legação!.. um logar que se dá ahi a qualquer idiota!

BORGES.

Mas ha empregados no quadro, que se julgam com mais direitos...

PEDRO JORGE.

Direitos, amigo Borges!... Aqui entre nós, isso é bom para se escrever nos jornaes.

BORGES.

Mas a opposição...

Digitized by Google

PEDRO JORGE.

Hade ralhar, como sempre, como de tudo, seja bom ou mau. Cuidam que a desarmam, deixando de commetter uma injustiça!.. E não é tal injustiça. Ninguem tem mais direito a um logar do que aquelle que melhor pode desempenhal-o. E eu... parece-me que valho alguma coisa mais do que os outros. E' um logar de confiança, que o ministro deve dar só a quem lh'a mereça.

BORGES.

Ha uma circunstancia especial, na legação de Londres. Os ordenados são diminutos para o luxo de uma côrte como a de Inglaterra. — Por isso de ordinario se escolhe para ali quem possua alguma fortuna.

PEDRO JORGE.

Para que se inventaram os fundos secretos, amigo Borges?

BORGES.

Ha muito em que os gastar.

PEDRO JORGE.

(*A' parte*). E tu que o sabes perfeitamente! (*Alto.*) E quem disse ao ministro que eu não tinha bens, de propriedade minha, para sustentar a dignidade do meu emprego?

BORGES.

Vossa excellencia tem uma propriedade, muito valiosa por certo... a do seu talento. Mas que quer? Este mundo

Digitized by Google

não comprehende as coisas, sem as ver reduzidas a algarismo e a especies metalicas. Pode crer que eu empreguei a maior diligencia para com o ministro, porque todo o meu empenho é servil-o. Eu não faço senão servir os amigos; é para o que me presta a amisade, com que me honram os ministros da corôa.

PEDRO JORGE.

(*Tendo pensado um pouco.*) Ora diga-me: se eu ámanhã apparecer rico... Se fizer, por exemplo, um bom casamento?...

BORGES.

Isso é outro caso.

PEDRO JORGE.

Dá-me a certeza d'isso?

BORGES.

Posso afiançal-o.

PEDRO JORGE.

Peço quinze dias. D'aqui até lá, não se dá o logar a ninguem.

BORGES.

Esteja descansado.

PEDRO JORGE.

Fiquemos n'isso; tenho direito a exigil-o.

Digitized by Google

SCENA VII.

PEDRO JORGE. (*Só, meditando e passeando.*)

Secretario em Londres!... Em breve ministro!.. Ponha eu o pé no primeiro degrau da carreira... o resto fica por minha conta... A opposição hade zurzir-me, bem o sei... Que importa?.. N'esse pugilato quotidiano, n'esses accessos de verrina em que tripudia, como uma bacchante, a nossa imprensa politica, vão lá distinguir a verdade da calumnia... Os meus antigos collegas... coitados!.. tenham paciencia. A politica é um jogo de homens superiores, em que o triumpho corôa os mais habeis... Longe de nos detestarem por isso, os homens de uma honestidade acanhada e meticulosa, deviam abençoar-nos, porque a sociedade é quem lucra tendo-nos á frente dos seus destinos... (*Sorrindo.*) Este systema tem os seus descontos na pratica, pelo menos em certos paizes, em que nem sempre os mais habeis são os que se elevam... Emfim, preciso de um bom casamento: esta é que é na actualidade a grande questão... Devia ter pensado n'isto, ha muito. O saco da beneficencia politica é apenas um meio transitorio... e as minhas finanças estão como as do estado, agonisam entre o *deficit* e a divida fluctuante... Se eu achasse uma velha rica!... É um genero que tem muita saida quasi sempre escacêa no mercado... As novas tem um grande defeito... os paes e os tutores, raça intratavel... A filha do desembargador por exemplo seria uma operação salvadora... O pae hade oppor-se... Se eu souber ganhar a filha!... Estas donzellas vivem tão abandonadas na sociedade, hoje que só as casadas e viuvas estão na moda... As minhas homenagens devêm lison-

Digitized by Google

jeal-a... Sacrifico-lhe a condessa da Silva, um tropheo glorioso... Tocarei a minha aria na corda sensivel da vaidade... Resta descartar-me da condessa... Preciso arranjar um pretexto... e um successor. Devo ter esta attenção com ella.. Vou pôr escriptos no coração da condessa, a ver se alguem m'o toma de trespasse... Não será difficil, com o furor de amar, que por ahi vae... Ao primeiro que encontre a geito... cedo-lh'a a beneficio d'inventario...

SCENA VIII.

PEDRO JORGE, A CONDESSA, ROSA, JULIO E ROBERTO.

PEDRO JORGE.

(*Vendo os que entram.*) O joven portento!., Eis a creatura, que me convém... O acaso é a providencia dos grandes homens... Eis se me offerecem os personagens do drama, em que terei a desempenhar nada menos de tres papeis. (*Rosa e a condessa tem entrado pela direita, seguidas de Julio e Roberto, sentam-se no sophá, ficando Rosa á direita da condessa; conversam com Roberto, que fica de pé. Pedro Jorge dirige-se a Julio, com ar d'importancia, tomando-o pelo braço e conduzindo-o á esquerda.*) Permitta que lhe dê os parabens.

JULIO.

(*Com admiração.*) Porque motivo!

PEDRO JORGE.

Pela sua admiravel conquista.

Digitized by Google

JULIO.

Qual conquista?

PEDRO JORGE.

A condessa da Silva, a mulher mais espirituosa e elegante da nossa sociedade.

JULIO.

Dou-lhe a minha palavra de que é uma calumnia...

PEDRO JORGE.

A discrição fica-lhe bem.

JULIO.

Nunca fallei com ella... Não lhe fui, sequer, apresentado.

PEDRO JORGE.

Mas fallou diante d'ella?

JULIO.

Com a filha do dono da casa.

PEDRO JORGE.

Saiba pois, homem afortunado, que alguem acaba de lhe ouvir dizer, que o meu joven amigo era um dos mancebos mais interessantes que tinha conhecido.

JULIO.

Isso lisonjeia-me sobre maneira... Mas...

Digitized by Google

PEDRO JORGE.

Não acha bella, a condessa?

JULIO.

Bella!.. não digo que não; mas não é o genero de belleza da minha sympathia.

PEDRO JORGE.

(*Baixo a Roberto, que tem deixado as senhoras e está junto dos dois.*) Porque o não apresentas, o teu joven amigo, á condessa?

ROBERTO.

Julio, quero ter o gosto de te apresentar á senhora condessa da Silva. (*Apresenta-o á condessa, depois afasta-se e saepela direita, ficando a condessa e Julio conversando.*)

PEDRO JORGE.

(*Em quanto isto se passa, para Rosa.*) Ingrata! Não me dá esta noite uma contradança?

ROSA.

Tem tanto de amavel o pedido, que não pode recusar-se... mesmo pela raridade.

PEDRO JORGE.

Agradeço a correcção. Que quer, minha senhora? Os homens que se dão á politica nem tempo tem para ser amaveis. Não é por falta de vontade... nem de coração.

Digitized by Google

ROSA.

De coração! Pois tambem sabem o que é isso, os politicos? Julguei que o ardor pelos interesses materiaes lhes absorvia todas as faculdades... O amor do paiz é tão exclusivo!...

PEDRO JORGE.

Oh! minha senhora! faz tão má idéa dos homens politicos e lê os seus artigos?.. Só ahi se aprende uma ironia tão cruel.

(*Sente-se fora, n'um piano, o signal de uma contradança*)

ROSA.

Chama-nos a musica.

(*As duas senhoras levantam-se. Julio passando por diante vae pôr o chapeo sobre um movel, em quanto Pedro Jorge passa por detraz do sopha', vindo a ficar no logar que o outro occupava.*)

PEDRO JORGE.

(*A' parte.*) Representei a farça e a alta comedia, falta o melodrama. (*A' condessa em voz baixa.*) Admiravel, senhora!

CONDESSA.

Admiravel o que!

PEDRO JORGE.

Cuida que os outros são todos cegos!

Digitized by Google

CONDESSA.

Não entendo.

PEDRO JORGE.

Faça-se de novas. Não vê toda a gente a maneira escandalosa como acceita o galanteio d'esse rapaz!

CONDESSA.

O galanteio!.. Fallou dois minutos comigo.

PEDRO JORGE.

E os olhos não dizem mais do que as palavras?.. A condessa e elle não deixaram a filha do desembargador em toda a noite. Bello disfarce, na verdade!

CONDESSA.

Este homem padece da cabeça.

PEDRO JORGE.

(*Fingindo exaltação.*) É do coração que eu padeço, senhora... Elle diz a toda a gente que a condessa é a mulher mais bella de Lisboa.

CONDESSA.

(*Rindo.*) E é por isso que lhe quer mal?

PEDRO JORGE.

Talvez!

Digitized by Google

ROSA.

Vae começar a contradança.

JULIO.

(*Dando um passo para a condessa.*) É esta a nossa, senhora condessa.

PEDRO JORGE.

(*A' parte, á condessa.*) Negue ainda. (*A condessa encolhe os hombros e toma o braço de Julio — Para Rosa com ar risonho.*) Tambem é a nossa.

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

Digitized by Google

Digitized by Google

ACTO II.

Uma sala ricamente adornada e alumiada. Portas no fundo, e aos lados. Dois sophás collocados quasi em frente um de outro, dos dois lados da scena. Durante as primeiras scenas, vê-se constantemente homens e senhoras ao fundo do theatro, criados com refrescos, etc. Todo o movimento d'um grande baile.

SCENA I.

A CONDESSA, ROSA, JULIO, PEDRO JORGE, ROBERTO E VARIOS CONVIDADOS.

(*A Condessa e Julio estão sentados no sopha' da esquerda, Rosa e Pedro Jorge no da direita. Roberto com um grupo de convidados, esta' de pé no meio da sala.*)

ROBERTO.

Eis o que se chama uma festa esplendida.

Digitized by Google

UM CONVIDADO.

Magnifica.

OUTRO CONVIDADO.

Não ha homem para estas coisas, como o ministro de Hespanha. Parece que se respira n'estas salas um ar diverso da atmosphera gelada da nossa sociedade. É a ausencia do constrangimento, aquella liberdade e confiança agradavel, que está nos habitos dos nossos visinhos.

O 1.º CONVIDADO.

E' tão poderoso este encanto, que até fez sair Achiles da sua tenda. (*Designando Roberto.*) O nosso amigo Roberto n'um baile é caso de ir ao *Braz Tisana*.

UM 3.º CONVIDADO.

(*Chegando-se ao grupo*) Querem ver o homem de quem depois fallámos.

ROBERTO.

Qual homem?

O 3.º CONVIDADO.

O do contrabando.

ROBERTO.

Então, não vale a pena. Hão de ter muitas occasiões de o ver.

O 3.º CONVIDADO.

Aonde?

Digitized by Google

ROBERTO.

Em toda a parte... quando elle tiver contrabandeado bastante para ter carruagem e ser um homem respeitavel. (*Os do grupo riem, e retiram-se para o fundo, ficando Roberto, só, á frente da scena. Diz á parte, depois de olhar um momento para ambos os lados, observando Julio e Rosa.*) «Eu defronte e vós á vista» em vez de fallarem de perto, olham-se de longe: signal infallivel d'amor, desde os dezeseis até aos vinte e dois annos. A minha regra não falha; amam-se e heide casal-os, ou ficarei pertencendo á grande familia dos idiotas. (*Vae-se.*)

SCENA II.

OS MESMOS, MENOS ROBERTO.

(*Julio conversa com a condessa, parece distrahido e agitado, olhando de vez em quando para o sophá fronteiro.*

PEDRO JORGE.

(*Para Rosa.*) Em signal de confiança e sinceridade, dê-me uma rosa do seu raminho!.. E' pedir tão pouco, para quem deseja tanto!..

(*Rosa dá-lhe uma flor que desprende do ramo.*)

JULIO.

(*A' parte, reparando no que se passa defronte.*) E houve tempo em que eu daria a vida por obter aquella flor ..

Digitized by Google

E ha creaturas, que a nossa imaginação divinisa, cuja mascara enganadora tem os reflexos da pureza celeste, e cuja alma desce até acceitar um amor indigno, como o d'aquelle homem!..

CONDESSA.

(*A' parte, reparando na distracção de Julio.*) Que agitação!..

JULIO.

(*Para a condessa.*) Perguntava-me ha pouco, minha senhora, se a eloquencia poderia exprimir e inspirar o amor. Ella não pode nada, como tudo o que é elevado e nobre, n'esse mundo sem lei nem regra, que se chama o coração humano. Eloquencia, poesia, mocidade, dedicação!... o que vale tudo isso, quando a vaidade e as paixões vulgares são de ordinario quem impera nas almas, ainda as mais puras na apparencia.

CONDESSA.

Que fogo! E que convicções tão desanimadoras! Não admittirá uma excepção n'esse quadro sinistro, que traçou do coração humano, ou antes feminino? Não crê que haja almas, em que o amor da poesia e do bello tambem seja uma paixão, e que regulem as affeições do coração, como regulam as predilecções artisticas?..

JULIO.

Perdão, senhora condessa; essa duvida prova-me que ha felizes excepções. Mas acredite que ha poucas almas elevadas como a sua.

CONDESSA.

Vamos passear um pouco. (*Levantam-se.*) Quero acabar de convencel-o da minha theoria.

Digitized by Google

JULIO.

(*A' parte, lançando ainda os olhos para Rosa.*) Emfim, acabou-se para sempre. (*Sae com a condessa pelo braço.*)

SCENA III.

ROSA, E PEDRO JORGE.

(*Sentados no sophá, e depois um convidado.*)

PEDRO JORGE.

Acredite-me: não ha amor de homem verdadeiro, senão passada essa quadra da juventude, em que se ama só por vaidade. Só um homem, que atravessou essa epoca, e a ella pagou o seu tributo, pode amar com dedicação; só então os desenganos o tem convencido de que não ha nada que faça a felicidade constante da vida senão o affecto de uma alma innocente e pura... em cuja adoração é tão suave consagrar o resto dos nossos dias!..

UM MANCEBO.

(*Aproximando-se dos dois.*) Sinto fazer-lhe um roubo tão precioso; porém esta senhora prometteu-me a honra de ser minha parceira n'esta contradança.

PEDRO JORGE.

Não lhe perdôo, e protesto vingança na primeira occasião.

(*Rosa sae pelo braço do seu parceiro.*)

Digitized by Google

SCENA IV.

PEDRO JORGE.

(*Só, estirando-se no sophá.*) Ah! . . Chegou a tempo, que se me ia seccando a prosa. . . Resta o consentimento do pae, que é o mais difficil. . . Se o Borges tiver conseguido do ministro! . . O expediente, que eu imaginei, é engenhoso. Faço um bom casamento, porque vou ser despachado, e sou despachado porque vou fazer um bom casamento. E ensina-se aos rapazes, na metaphysica, que do nada nada se faz! Eu faço do nada um casamento e um despacho. . . E' preciso empregar todos os meios. Guerra de morte, guerra a todo o transe! . .

SCENA V.

PEDRO JORGE, E A CONDESSA

(*Que entra na sala, dirigindo-se para uma porta da direita.*)

PEDRO JORGE.

(*Levantando-se.*) Condessa! Condessa!

CONDESSA.

Que me quer ainda? Que pretende de mim?

Digitized by Google

PEDRO JORGE.

Perdão, se ouso importunal-a com a minha presença; mas tenho que lhe dizer.

CONDESSA.

Na verdade admiro a sua audacia... Tudo se acabou entre nós.

PEDRO JORGE.

Não nos irritemos, senhora condessa. Bem sei que incorri no real desagrado. Não cuide que a venho enfadar com as minhas queixas.

CONDESSA.

Faz bem, porque era perder o tempo.

PEDRO JORGE.

Agradeço a franqueza... Mas sejamos rasoaveis. Quebraram-se as nossas ligações antigas. Porque não ficaremos amigos? Porque não cuidaremos, em boa paz e harmonia, dos nossos reciprocos interesses?

CONDESSA.

Não ha nada melhor!.. Agora quer que lhe cuide dos seus interesses!..

PEDRO JORGE.

Perdão, condessa; eu não disse dos meus, disse dos nossos, o que é uma coisa differente. Sentemo-nos, e tenha a bondade de me escutar um momento.

CONDESSA.

Faça-me o obsequio de ser curto.

Digitized by Google

PEDRO JORGE.

Encurtar-me-hei quanto puder. (*Sentam-se.*) Condessa! nós vamos estando velhos.

CONDESSA.

Falle por si, se faz favor. Ainda lhe não dei procuração.

PEDRO JORGE.

Desculpe; isto é mau habito de jornalista. Pois bem, eu vou estando velho, preciso de tratar do meu futuro.

CONDESSA.

(*Sacudida.*) Pois trate.

PEDRO JORGE.

Mau! A condessa toma o recado no meio da escada!... Até hoje, tenho sacrificado tudo á nossa ligação.

CONDESSA.

Grande sacrificio!

PEDRO JORGE.

(*Com affectação.*) Não me arrependo. Tive a rara, a inapreciavel ventura de merecer os seus agrados...

CONDESSA.

Disparate!

PEDRO JORGE.

Foi disparate! E' a condessa que o diz, não ouso con-

Digitized by Google

trarial-a. Mas fallemos serio. Tenho necessidade d'uma posição, e só m'a pode proporcionar um bom casamento. Era pois forçoso quebrar aos olhos do mundo as nossas ligações. A condessa, pela sua parte, enfastiou-se de mim, e vae procurar novo amor e nova fidelidade n'um coração de vinte e dois annos.

CONDESSA.

Sempre calumniador, este homem!

PEDRO JORGE.

Sempre hypocrita, esta senhora!

CONDESSA.

Mas, em summa, o que quer?

PEDRO JORGE.

Franqueza completa. Eu preciso de casar com a filha do desembargador Estevão de Moura, e a condessa está namorada do joven bacharel.

CONDESSA.

Franqueza fingida. Confesse que gosta d'essa rapariga, e não venha dizer que precisa de casar... Não vejo a precisão.

PEDRO JORGE.

A condessa está offendendo o meu bom gosto. Pois uma creança de dezoito annos é lá coisa de que se goste. No outro sexo é differente. Parece que as damas de uma certa edade, as bellezas decadentes, apreciam o amor joven.

Digitized by Google

CONDESSA.

A regra é verdadeira para ambos os sexos. Quasi todos os velhos acabam pelo ridiculo de namorar creanças... como a filha do desembargador.

PEDRO JORGE.

Digo-lhe que preciso de casar com ella... se me não arranja outra mais a geito. O ministro põe essa condição á minha entrada na carreira diplomatica. A condessa pode-me prestar valiosos serviços, pela sua influencia e de seu marido no animo do desembargador. Eu, pela minha parte, prometto fazer brotar no coração do joven orador a mais violenta das paixões. Persuadido da sua annuencia a este pacto, já comecei a tarefa... Acceita ou não acceita?

CONDESSA.

Diga com franqueza: avaliou bem o que ha de cynismo n'essa proposta?

PEDRO JORGE.

Cynismo! A condessa usa de phrases, que fazem arripiar os cabellos. E' o estylo dos artigos de fundo, que ouve ler a seu marido. Eliminemos a hypocrisia n'esta negociação, que é mais grave do que pensa. Nega que acceitou, não digo bem, que provocou as attenções d'esse rapaz?...

CONDESSA.

Não nego. Quiz desforrar-me do seu procedimento... Lisonjeava-me de merecer uma vez a adoração de um homem de talento.

Digitized by Google

PEDRO JORGE,

Obrigado pela parte que me toca... Mas dar n'um inimigo desarmado, que vem offerecer pazes, é desconhecer as praticas da boa guerra. Considere a minha posição. Tudo devia terminar entre nós. O meu futuro todo dependia d'essa resolução. Depois, a amisade do conde...

CONDESSA.

Chegam-lhe a proposito os escrupulos.

PEDRO JORGE.

(*Com intenção.*) Uma prova de que cedo com violencia á voz da razão e ás circunstancias; de que no intimo do peito não se apagou ainda a memoria dos meus antigos sentimentos, é que conservo religiosamente as suas preciosas cartas.

CONDESSA.

(*A' parte.*) As minhas cartas! (*Alto.*) Que espero do seu cavalheirismo me restitua quanto antes.

PEDRO JORGE.

Se na verdade se effectuar o meu casamento, é do meu dever separar-me d'ellas. (*Com affectação.*) Antes d'isso não terei animo.

CONDESSA.

Mas que posso eu fazer?

PEDRO JORGE.

Pode tudo. A' protecção do senhor marquez, seu pae,

Digitized by Google

deve Estevão de Moura toda a sua fortuna. Elle é grato á sua familia. Seja para quem fôr que a condessa e seu marido lhe peçam a mão da filha, conseguil-o-hão.

CONDESSA.

Mas...

PEDRO JORGE.

Fallo-lhe com a franqueza, que me conhece. A minha resolução não muda. Tenho necessidade d'este casamento para a minha carreira; heide effectual-o, e dentro de poucos dias. A condessa e seu marido fallam ámanhã por mim e obtem-me o consentimento do pae. O da filha tenho eu já; é negocio decidido.

CONDESSA.

Pois fallarei... Bem sabe que me interessei sempre pelo seu adiantamento. A'manhã fallarei ao conde. (*Vae a entrar no gabinete á direita, e volta-se junto da porta com affectada indifferença.*) Não se esqueça das cartas.

PEDRO JORGE.

Não esqueço, condessa. Conhece o meu cavalheirismo.

SCENA VI.

BORGES E PEDRO JORGE.

BORGES.

O negocio?... está decidido?

Digitized by Google

PEDRO JORGE.

Vae bem.

BORGES.

Mas o ministro insta por uma decisão, dentro de vinte e quatro horas. Chegou já de Londres o consentimento do nosso enviado.

PEDRO JORGE.

Tanta pressa!

BORGES

E' difficil resistir ás influencias, de que não pode emancipar-se. Já as ultimas nomeações o malquistaram com pessoas de importancia. O que pode corar este despacho é a sua posição. Case com a filha de Estevão de Moura. O ministro consente em lhe dar o titulo.

PEDRO JORGE.

Consente? Então é negocio feito. O desembargador é ambicioso. Diga ao ministro que estou casado.

BORGES.

Elle não faz obra, sem a certeza, e quer a resposta dentro de vinte e quatro horas.

PEDRO JORGE.

Dentro de vinte e quatro horas, terá a resposta e a certeza...

Digitized by Google

BORGES.

Então, até ámanhã... (*Sae.*)

SCENA VII.

PEDRO JORGE, E DEPOIS A CONDESSA.

PEDRO JORGE.

Entrou n'aquelle gabinete. (*Apontando para a direita.*) Não tardará. (*Vendo-a sair.*) Condessa, o caso urge mais do que eu pensava. Dentro de vinte e quatro horas, preciso de obter, infallivelmente, o consentimento de Estevão de Moura.

CONDESSA.

Na verdade, esse tom de autoridade!... essas exigencias!...

PEDRO JORGE.

Agradeça-me antes a franqueza. Poupo-lhe os rodeios. Possuo um talisman, que me assegura a sua annuencia á minha vontade. Significo-lh'a, em poucas palavras.

CONDESSA.

Essa ameaça!..

PEDRO JORGE.

Sirvo-me das minhas armas. É o que faz toda a gente; com mais ou menos hypocrisia. Uso do poder que me con-

Digitized by Google

fere um pequeno maço de cartas, cuidadosamente acondicionadas ao canto da minha secretaria, para conseguir um fim, que não deshonra ninguem e que me salva de uma ruina inevitavel. Se perco esta occasião, estou morto. Tenho ambição; offerece-se-me ensejo para a satisfazer; não o perco. Só os idiotas é que perdem as occasiões. Se podessem commetter nas trevas, sem que ninguem soubesse, isso a que chamam uma baixeza, não o duvidariam. Mas não tem a audacia de a propor a outrem. São menos sinceros e mais vaidosos, e a sociedade chama-os mais honestos.

CONDESSA.

Essa theoria é abominavel.

PEDRO JORGE.

Abominavel ou não, é a minha. A condessa pode, querendo lançar mão de todos os meios, conseguir o que eu pretendo. Dentro de vinte e quatro horas, heide ter a certeza do consentimento de Estevão de Moura, ou as cartas, que a condessa teve a imprudencia de me escrever, estarão nas mãos do senhor conde da Silva.

CONDESSA.

Oh! que infamia!

PEDRO JORGE.

Nada d'estylo!.. Isso é bom para o theatro. O conde da Silva é um homem d'uma boa fé, digna da sua illustre raça. A sua condescendencia apparente é cegueira, não é falta de pundonor. Quando elle tiver uma prova irrefragavel, não se persuada que hade ficar como tantos maridos do nosso conhecimento.

Digitized by Google

CONDESSA.

Mas se eu não puder conseguir?..

PEDRO JORGE.

Pode conseguir, querendo. Mas eu poupo-lhe os meios extremos, offerecendo-lhe um facil e infallivel. Sabe que o honrado desembargador não é insensivel ás comichões da vaidade. É provavelmente para alcançar para o seu sangue uma distincção titular, que reserva a mão de sua filha. Eu não posso offerecer-lhe um brazão antigo, mas offereço-lhe, já, um titulo moderno. O ministro promette-lhe o de visconde, quando eu fôr seu genro. Pode afiançar-lh'o, e a sua influencia fará o resto, se fôr preciso... Dentro de vinte e quatro horas, ou a certeza do seu consentimento... ou as suas cartas na mão do conde. (*Vae a sair e volta de novo.*) A Providencia favorece os nossos designios. Ahi tem o desembargador. (*Sae.*)

SCENA VIII.

A CONDESSA E ESTEVÃO DE MOURA.

CONDESSA.

(*A' parte.*) Este homem é um perverso. É capaz de tudo... E' necessario, a todo o custo, que me restitua as minhas cartas.

ESTEVÃO.

Só! abandonada! a rainha dos bailes!

Digitized by Google

CONDESSA.

Rainha!... em decadencia... Disseram-lhe que eu desejava fallar-lhe?

ESTEVÃO.

Não, minha senhora.

CONDESSA.

Tenho-o procurado por toda a parte... Não é coisa urgente... E' mesmo mal escolhida a occasião.,. Mas, esta noite vi que era necessario uma decisão...

ESTEVÃO.

Espero as suas ordens, minha senhora.

CONDESSA.

Diga-me: ama devéras sua filha?

ESTEVÃO.

(*Com admiração.*) Se amo minha filha!...

CONDESSA.

Faria um sacrificio, ainda muito grande, para a felicidade d'ella?...

ESTEVÃO.

O que não faria eu... o que não faz um pae, pela felicidade de sua filha?...

CONDESSA.

Tem alguma idéa de dispor da sua mão?

Digitized by Google

ESTEVÃO.

Da sua mão! Tão nova ainda!...

CONDESSA.

Mas hade casal-a um dia?..

ESTEVÃO.

Não pensava por ora em tal... Esta idéa de me separar d'ella...

CONDESSA.

Mas se eu lhe disser que ha um homem, que soube conquistar o coração de sua filha... e que convém casal-os... Uma rapariga solteira pode dispor do seu coração... Mas as linguas do mundo murmuram... e quem sabe quanto veneno lançam ás vezes nas acções mais innocentes. A assiduidade de um homem por muito tempo lança uma sombra no esplendor, que deve ter a reputação de uma donzella na sua posição.

ESTEVÃO.

Mas esse homem... convir-lhe-ha?.. Merece a sua approvação?... Que homem é?

CONDESSA.

Esse homem, notavel pelo seu merecimento, não tinha uma posição para pretender a mão de sua filha. Hoje tem'a, vae ser nomeado para um cargo diplomatico importante. Fez mais: influente para com o governo, alcançou para o seu futuro sogro um titulo de nobreza.

ESTEVÃO.

Um titulo!... Na verdade... Lisonjeia-me... Emfim se

Digitized by Google

é um homem de bem e merece a sua approvação, não vejo motivo para me oppor. Mas quem é, afinal?

CONDESSA.

Pedro Jorge de Vasconcellos.

ESTEVÃO.

Pedro Jorge!.. Desejava que fosse outro... Não sei nada contra elle. Mas, não sei por que, não lhe consagrava uma sympathia extraordinaria... (*Como acudindo-lhe uma lembrança repentina.*) Porém é vossa excellencia... é a senhora condessa quem m'o propõe!...

CONDESSA.

Que admiração é essa?

ESTEVÃO.

Perdão, minha senhora... mas persuadia-me... A's vezes o mundo...

CONDESSA.

Bem percebo. Tambem o meu velho amigo dá credito a essas calumnias, que ahi se forjam pelos botequins, contra a reputação das senhoras casadas!..

ESTEVÃO.

Não, senhora condessa. O nome d'esse homem trouxe-me á lembrança essa calumnia, de que o meu espanto agora foi involuntariamente o ecco. Se eu não acreditasse que era uma calumnia, senhora condessa. confiar-lhe-hia eu tantas vezes a minha filha? E quando ainda duvidasse, o que acaba de me revelar tirar-me-hia toda a duvida.

Digitized by Google

CONDESSA.

(*A' parte.*) Caiu, como se costuma dizer, a sopa no mel. (*Alto.*) Sabe o que deu causa á assiduidade de Pedro Jorge em minha casa e na minha roda? Foi o amor pela sua filha.

ESTEVÃO.

E' extraordinario. Que se lhe hade fazer?.. Não quero contrariar a inclinação de minha filha, não sendo uma inclinação que a deshonre, e se vossa excellencia entende que devo consentir...

CONDESSA.

Entendo, e até lhe peço. Mas o ministro quer que o novo diplomata parta immediatamente para o seu posto. Assim, é necessario que o casamento da... futura viscondessa, tenha logar quanto antes.

ESTEVÃO.

A senhora condessa manda.

CONDESSA.

E posso dar ao noivo a sua palavra definitiva.

ESTEVÃO.

Não tenho duas, senhora condessa.

CONDESSA.

Dê-me o seu braço. (*Saem pela direita.*)

Digitized by Google

SCENA IX.

JULIO E ROBERTO, *que entram pela esquerda.*

ROBERTO.

Desconheço-te na verdade. Quando todos folgam, riem, dançam, ou dizem tontices ás senhoras, ou analysam e fazem satyra no vão das janellas, ou tomam sorvetes e vinho do Porto, ao menos... tu encostas-te á hombreira de uma porta, com uma physionomia tetrica, como um heroe de balada, como aquelle phantasma da *noite do Castello* (*Declamando.*)

« Por cima da cabeça, esguia tocha.
« Luz lhe verte agoureira.... »

JULIO.

Se soubesses o que eu sinto, Roberto!... Para que vim eu a este baile?... Não era este o logar, que me competia. Esta esphera de luz e oiro e sedas não é o mundo que a sorte me depara. Deus destinou-me para a miseria e para o trabalho; devo cumprir a missão, resignado.

ROBERTO.

O que significa essa declamação tragica, e essas phrases empoladas? Andas a compor algum drama para o theatro nacional?...

JULIO.

Não zombes, meu Roberto. Recebi hoje uma carta de minha mãe...

Digitized by Google

ROBERTO.

De tua mãe!

JULIO.

(*Continuando.*) Revelando-me um segredo, que até hoje me havia occultado. Eu sabia que meu pae tinha deixado a sua fortuna deteriorada; mas não sabia que estava reduzido á indigencia.

ROBERTO.

Á indigencia?

JULIO.

A minha boa mãe, com aquelle instincto de amor e dedicação, que só as mães possuem, escondeu-me até hoje a realidade, para me não amargurar os dias necessarios á placidez do estudo. Foi á custa de sacrificios, de privações talvez, que conseguiu dar-me uma educação apurada. Cumpre-me pagar a divida. Cada minuto roubado ao trabalho é uma ingratidão e um crime... Uma loucura do coração foi quem me fez vir ainda a esta sociedade, a que já não pertenço...

ROBERTO.

E eu, e a minha amisade, não valemos nada?... Não te afflijas. Com as tuas habilitações, com o teu talento, tens uma posição certa.

JULIO.

Mas não me dizias que não são estas, no nosso paiz, as qualidades mais proprias para grangear fortuna?

Digitized by Google

ROBERTO.

Não são, desacompanhadas, sobre tudo para quem tem o escrupulo da honestidade, e o acanhamento orgulhoso do verdadeiro merito. Mas uma boa protecção vale muito. Eu devo tudo á de teu pae; desempenhar-me-hei para com o filho. E eu posso alguma coisa. O teu futuro fica por minha conta. Eu te direi quando será necessario trabalhar. Agora estamos n'um baile... Despe essa tristeza, fallemos de mulheres bonitas... de sympathias... A proposito, como vão os amores poeticos?

JULIO.

(*Tristemente.*) Acabou tudo.

ROBERTO.

(*A' parte.*) Querem ver que tambem tenho de lhe tratar dos negocios do coração! (*Alto.*) Já que não queres ir fazer a côrte ás senhoras, vou eu, com os meus quarenta e cinco annos, e a minha caixa de rapé. (*Sae pela esquerda.*)

SCENA X.

JULIO, E DEPOIS PEDRO JORGE.

JULIO.

Alma generosa!.. Que bondade!.. que nobres sentimentos!.. (*Senta-se.*) Estou cansado... O abatimento do espirito reflecte-se na materia... (*Meditando.*) Sou desgraçado.

(*Pedro Jorge, que tem entrado pelo fundo e está de braços cruzados, diante d'elle.*)

Digitized by Google

PEDRO JORGE.

Não conheço homem mais feliz. Em quanto outros mendigam debalde um olhar ou um sorriso, o meu amigo repoisa á sombra dos loiros, e é necessario que os desejos de uma mulher formosa o arranquem á solidão.

JULIO.

Como?

PEDRO JORGE.

Em portuguez razo; a senhora condessa da Silva encarregou-me de o procurar, e de lh'o levar.

JULIO.

(*Levantando-se.*) A senhora condessa...

PEDRO JORGE.

Não desprese a fortuna, que lhe abre os braços. O amor de uma mulher é muitas vezes na vida...

JULIO.

(*Distrahido.*) Uma consolação, no meio da desgraça...

PEDRO JORGE.

(*Rindo.*) Não!.. Um bom meio para nos fazer subir.

(*Saem pelo fundo.*)

Digitized by Google

SCENA XI.

ROSA E ROBERTO, *entrando pela esquerda.*

ROBERTO.

Que invejosos não vou fazendo!.. Trazer pelo braço uma das mais elegantes e formosas fadas, que povoam este palacio encantado!

ROSA.

(*Rindo.*) Se alguem ouvir, hade persuadir-se que é uma declaração.

ROBERTO.

Não tenha receio. Nós, os advogados, somos homens sem consequencia, n'esse particular. Todos sabem que não oramos nunca senão por conta dos outros... E não sei como heide começar.

ROSA.

Oh! Um orador, que não sabe começar o discurso!..

ROBERTO.

É verdade. É a primeira vez, que me vejo embaraçado com um exordio... É que nunca tive um auditorio tão escolhido.

Digitized by Google

ROSA.

Já vejo que se não esquece dos preceitos da arte; um dos primeiros creio que é captar a benevolencia...

ROBERTO.

Não, minha senhora; os preceitos que sigo n'este momento são os da sinceridade e de amisade. Vou-lhe fallar de um mancebo, a quem o dever e a sympathia me obrigam a proteger. A seu fallecido pae devo favores, que um homem reconhecido não esquece nunca. Hoje o filho carece da minha protecção. É Julio de Athaide.

ROSA.

(*A' parte.*) Julio de Athaide!

ROBERTO.

Se ha alma pura, coração nobre, espirito elevado, ninguem os possue como aquelle mancebo. A poucos prodigalisa o ceo tão rico patrimonio. Um instincto do coração tinha feito brotar no seu, a sympathia mais apaixonada por uma creatura adoravel, — das poucas d'esta especie, que tenho a honra de conhecer.

ROSA.

Mas... que tenho eu com isso?

ROBERTO.

(*Sorrindo.*) Tudo... Eu fui o confidente dos primeiros transportes d'esta affeição, que approvei, e que me suggeriu um projecto brilhante. Ou eu me engano muito, ou este instincto e experiencia, que mais de uma vez na vida me

Digitized by Google

tem guiado, de ler o intimo pensamento d'algumas almas, me provou que o amor do meu protegido era comprehendido e correspondido... Mas esta affeição, sobre que eu fundava as minhas esperanças, começou pelo tornar desgraçado.

ROSA.

Desgraçado!

ROBERTO.

Um escrupulo honroso, d'estes que só comprehendem as almas elevadas, o impedia de declarar o seu amor áquella que o tinha inspirado. Ella é rica, e elle não queria que o seu mais puro sentimento podesse ser olhado como o culto banal e degradante, que se tributa n'esta epoca ao deus da riqueza.

ROSA.

(*A' parte.*) Será verdade!

ROBERTO.

Ha dias porém que a sua tristeza, uma reserva impenetravel, uma excitação febril, tem tomado proporções assustadoras. O projecto que eu affagava na minha affeição quasi paternal por este rapaz, era uma alliança com a creatura, que soube inspirar a sympathia d'um coração tão nobre. Conheço o honrado pae, e tenho a esperança do seu assentimento á affeição de sua filha. Enganar-me-hia eu nos sentimentos da donzella? D'ella só depende que eu emprehenda a realisação do meu projecto.

ROSA.

Mas... (*A' parte.*) É impossivel, meu Deus!

Digitized by Google

ROBERTO.

Não ouso pedir uma confidencia. Duas palavras podem esclarecer-me.

ROSA.

Parece-me que ha um equivoco em tudo isso... Mas ha coisas que eu não sei... em que não me cumpre fallar...

ROBERTO.

Comprehendo o pudor, que impede a confissão de certos sentimentos.

ROSA.

Não se trata de confessar sentimentos... mas de avaliar outros, que são um crime... a serem verdadeiros.

ROBERTO.

Um crime!

ROSA.

Não sei se essa affeição, de que me fallou, existiu alguma vez devéras no coração do seu protegido. Hoje, a pessoa que elle ama, que elle parece amar, pelo menos... é uma senhora casada.

ROBERTO.

Casada!

ROSA.

Não é um segredo, porque todos vêem; é a senhora condessa da Silva.

Digitized by Google

ROBERTO.

A condessa!.. E Pedro Jorge?

ROSA.

O que tem?

ROBERTO.

Era o amante... Perdão... quero dizer... era quem fazia a côrte á condessa.

ROSA.

Eis ahi como se avalia com injustiça. Pedro Jorge era apenas o amigo da condessa e do conde.

ROBERTO.

(*1ª parte.*) Obrigado, pelo marido.

ROSA.

E uma prova é que ama outra, de quem solicitou licença para a pedir em casamento.

ROBERTO.

Não dou os parabens á noiva!

ROSA.

(*Sobresaltada.*) Porque motivo?

ROBERTO.

É sua amiga?

Digitized by Google

ROSA.

Intima.

ROBERTO.

Diga-lhe que não case; salve-a do precipicio, em quanto é tempo.

ROSA.

Do precipicio!.. Oh! pelo amor de Deus, diga-me o motivo d'essas palavras.

ROBERTO.

Esse homem tem um caracter indigno. Conhecel-o-hão em breve tempo.

ROSA.

Oh! meu Deus!

ROBERTO.

Ha coisas, que ouvidos puros não deveriam ouvir. Mas quando se trata de salvar do abysmo uma creatura, innocente talvez... de certo, porque é sua amiga intima, — então é outro caso. Esse homem, recebido, protegido e agasalhado pelo conde da Silva, pagou-lhe com a injuria mais revoltante, que se pode fazer a um homem.

ROSA.

Meu Deus!.. o que eu julgava calumnia...

ROBERTO.

E' uma realidade.

Digitized by Google

ROSA.

(*Perturbada.*) Creio nas suas palavras... Ainda é tempo...

ROBERTO.

Salve, salve essa victima... Ella é rica, está sabido. E ama-o?

ROSA.

Amor, não... Mas acreditava na lealdade dos seus protestos. Ella tinha preferido outro... mais digno.. mas julgou que já não era amada, e tentou esquecel-o... Depois, o despeito... o ciume de o ver fazer a côrte a outra mulher fizeram-lhe acceitar as homenagens d'esse homem.

ROBERTO.

Eis ahi como são estas creanças; por despeito, por um nada, por um arrufo, são capazes de acceitar as homenagens de qualquer tratante!... Mas voltemos ao Julio. Não posso comprehender a sua rapida mudança... Fazer a côrte á condessa!.. E' impossivel.

ROSA.

Prouvera a Deus que o fosse!... Mas vi e ouvi.

ROBERTO.

(*Como pesando as palavras de Rosa.*) Prouvera a Deus que o fosse!.. o despeito!.. uma amiga intima!.. Logo, aquella que acceitava o casamento com esse homem indigno....

ROSA.

(*Tapando o rosto com as mãos.*) Sou eu... Meu Deus!...

Digitized by Google

Que fazer?... Elle tem o meu consentimento... e vae pedir-me a meu pae. A condessa, segundo elle diz, interessa-se por este casamento...

ROBERTO.

A condessa! Então o caso é mais grave. Os condes da Silva tem toda a influencia no animo de seu pae... O que eu disser d'esse homem, contra o qual não posso apresentar outras provas mais do que a minha palavra, pode ser taxado de calumnia. Comtudo, ha ainda uma esperança, se seu pae não empenhou ainda a sua palavra... Corro a sondal-o. Autorisa-me?

ROSA.

A tudo.

ROBERTO.

Ahi vem a senhora condessa. (*Sae pelo fundo.*)

SCENA XII.

ROSA, A CONDESSA, PEDRO JORGE, E JULIO, *que entram pela direita*

CONDESSA.

(*Apertando as mãos de Rosa*) Tenho corrido tudo em tua procura, querida Rosa; queria ser a primeira a dar-te os parabens. Dentro de poucos dias, casada, e com um logar na primeira côrte do mundo.

Digitized by Google

ROSA.

(*Sobresaltada.*) Mas meu pae não deu ainda o seu consentimento...

CONDESSA.

Acaba de o dar ao proprio noivo em pessoa... Mas que é isso?... estás tremula!... perdes a côr!..

PEDRO JORGE.

(*Que tem entrado com Julio depois da condessa.*) Tenho a honra de lhe apresentar, meu caro Julio, a minha futura esposa.

JULIO.

(*A' parte.*) Sua esposa!.. é o ultimo golpe... e para que eu não estava preparado...

PEDRO JORGE.

Não me dá os parabens?

JULIO.

(*Affectando indifferença e sarcasmo.*) Dou-os a ambos, porque os merecem egualmente.

ROSA.

(*A' parte; tapando o rosto com as mãos, depois abraçando a condessa, e soluçando.*) Oh!... Não posso mais!

CONDESSA.

Que tens?

Digitized by Google

ROSA.

(*Baixo á condessa.*) Abafo aqui .. Tire-me da sua presença..

PEDRO JORGE.

O que é?

CONDESSA.

(*Amparando Rosa.*) Não é nada... O calor talvez... Um copo de agua...

PEDRO JORGE.

(*Apontando para a direita.*) N'aquelle gabinete... Corro a chamar um medico. (*Sae.*)

CONDESSA.

(*Conduzindo Rosa.*) Não hade ser nada. (*Saem pela direita.*

SCENA XIII.

JULIO (*Só.*)

Acabaram-se as ultimas illusões... E houve um tempo, em que julguei ser amado... Era só, era no campo, longe das salas. Agora trocou um amor timido, mas sincero e puro, por esse amor falso e de convenção... que lhe lisonjeia a vaidade, porque é uma adoração publica... Amar esse homem! Que encantos tem o abysmo, que fascina e faz precipitar os anjos?... (*Sorrindo com tristeza.*) Anjos!... palavra absurda!.. invenção de poetas!.. A condessa, pelo contrario, não tem essa candura ideal, que imaginamos nas donzellas, mas possue um coração bom e affectuoso...

Digitized by Google

SCENA XIV.

JULIO, A CONDESSA, E DEPOIS ROSA.

CONDESSA.

Não é nada... Já está restabelecida... Vae ser feliz, unindo-se para sempre ao homem a quem ama.

JULIO.

(*A' parte.*) Ama-o!

CONDESSA.

Que ventura!.. Não ter de corar diante do mundo, nem de esconder aos olhos do vulgo maldizente os affectos do seu coração!

(*Rosa entra e pára, escutando, ás primeiras palavras de Julio.*)

JULIO.

Affectos!.. E terão affectos, e saberão o que é amor, verdadeiro e nobre, essas donzellas sem coração, que só cedem á lisonja, e só acceitam como sentimento o incenso tributado á sua vaidade?... essas almas de gelo, que encobrem a vulgaridade das suas paixões debaixo de uma mascara, que o mundo chama ingenuidade e modestia?.. Eu enganava-me sobre o verdadeiro amor; e só agora que a conheço, condessa (*Pegando-lhe na mão*) só agora é que o comprehendo.

(*Rosa que tem ouvido com anciedade, cae desmaiada sobre o sophá.*)

FIM DO SEGUNDO ACTO.

Digitized by Google

Digitized by Google

ACTO III.

Uma sala interior, convenientemente mobilada. Uma porta no fundo e outra á direita. Á esquerda está uma mesa pequena, separada da parede, com tinteiro, papeis, etc. Á direita, á bocca da scena estão duas poltronas voltadas para o espectador.

SCENA I.

ESTEVÃO DA CUNHA, JULIO, PEDRO JORGE E A CONDESSA.

(*Estevão da Cunha e Julio dos dois lados da mesa, Pedro Jorge e a condessa do lado opposto do theatro, conversam, sentados nas duas poltronas.*)

ESTEVÃO.

Foi uma das razões, porque lhe mandei pedir o obsequio de assistir a este acto dos esponsaes de minha filha. Como velho amigo de seu pae, não podia deixar de me regosijar a presença do filho, em occasião tão solemne; porém desejava tambem ouvir a sua opinião sobre a escriptura

Digitized by Google

O que não vê a jurisprudencia velha, pode vêl-o a nova. Ainda que n'este ponto o nosso direito civil é claro, e não creio que a philosophia allemã, tão citada hoje, a torto e a direito, possa ter nada com este assumpto. Peço-lhe que leia com attenção... o resto dos nossos amigos não pode tardar. (*Sae pelo fundo.*)

SCENA II.

Os mesmos, menos Estevão da Cunha.

JULIO.

(*A' parte, depois de lançar os olhos sobre o papel, que está sobre a mesa.*) Vêl-a-hei, impassivel, prometter a outro a mão de esposa!... Impassivel?.. Não. A sua imagem ainda aqui existe (*Pondo a mão sobre o coração*) em traços de fogo... imagem querida n'outro tempo... hoje odiosa.... mas que se não apagará jámais da minha lembrança.

CONDESSA.

(*Conversando baixo com Pedro Jorge.*) Mas se a pobre rapariga não faz senão chorar!...

PEDRO JORGE.

Eu a consolarei.

CONDESSA.

Ama talvez outro.

Digitized by Google

PEDRO JORGE.

Eu lh'o farei esquecer. E o pae?...

CONDESSA.

Nada sabe; mas receio que ella emfim se atreva a fallar-lhe, antes da assignatura do contracto... Vejo-a em tal estado!...

PEDRO JORGE.

Condessa! Não é prudente brincar comigo. Aqui anda uma machinação contra mim; e ai da condessa, se a encontro no conluio! Ha oito dias que ella pareceu acceitar a minha declaração, e me autorisou a pedir a sua mão. O que significa esta mudança tão rapida? Não ha outra explicação, senão uma perfidia sua.

CONDESSA.

Juro-lhe...

PEDRO JORGE,

Não jure, que acabo de acreditar que mente.

CONDESSA.

Insolente!

PEDRO JORGE

Persuadia-se talvez que a minha ameaça não passava de palavras. Previ a sua traição. Tenho-as aqui, essas cartas preciosas. (*Tira do peito um pequeno maço de cartas, que mostra á condessa e de novo arrecada.*) Se me não traz aqui a noiva, resolvida a assignar a escriptura, entrego-as ao

Digitized by Google

conde na sua presença. Pensa que hesito? Não sabe que, se não se effectua este casamento, estou perdido? Que me importa accumular mais um escandalo, que fará escurecer outros, e arrastar comigo uma victima que tornará mais brilhante a minha queda! Conheço a sua habilidade e os seus recursos: se não convencer a rapariga, é porque não quer. Até já. Vou conversar com o illustre conde, o meu excellente e fiel amigo.

CONDESSA.

Não seja cynico. Far-se-ha a sua vontade.

PEDRO JORGE.

Ora bem. Eu sei vingar-me; mas tambem sei agradecer.

(*A condessa levanta-se e encaminha-se vagarosamente para a mesa, junto da qual Julio examina distrahidamente o contracto. Pedro Jorge permanece sentado e pensativo.*)

CONDESSA.

(*Para Julio.*) Estimei muito que viesse... Não o via, ha tanto tempo!

JULIO.

Que bondade, senhora condessa!.. Na verdade, o meu procedimento tem sido indigno.

CONDESSA.

Não. Não ha nada mais natural. Teve um capricho, ha oito dias, no baile do ministro de Hespanha, e não pensou mais em tal.

Digitized by Google

JULIO.

Juro-lhe que não, senhora condessa. O que então senti, sinto-o hoje ainda... Se eu lhe podesse explicar!.. E' que houve uma crise na minha vida... Se soubesse o combate, que tem havido no meu espirito... havia de me perdoar.

(*A condessa estende-lhe a mão por cima da mesa, e Julio leva-a aos labios.*)

CONDESSA.

(*A' parte.*) Está preso.

JULIO.

(*A' parte.*) E' uma boa alma esta condessa.

(*A condessa sae pela direita.*)

SCENA III.

JULIO, E PEDRO JORGE.

PEDRO JORGE.

(*Levantando-se e dirigindo-se a Julio.*) Não lhe falta nada, ao famoso contracto, não é assim?... Dote, communhão de bens, prevenidos os casos de morte sem filhos e *ab intestato*.... Deve estar bom..... feito sob os auspicios de um desembargador!.... Ainda o não li. Assignarei na fé dos padrinhos. Não pertenço a essa ignobil raça de homens, que andam atraz dos dotes. O que me seduz, não é a riqueza, é a virtude da noiva. Desengane-se, meu caro senhor Julio, deixe andar os philosophos com os seus

Digitized by Google

systemas e theorias. Não ha senão um systema e uma theoria: é a virtude.

JULIO.

Theoria para muitos; mas... pratica para poucos.

PEDRO JORGE.

Comprehende alguma coisa de mais feliz n'este mundo, do que é sentirmo-nos amados por uma alma innocente e candida, como um sonho dos quinze annos? Não é assim, meu joven poeta?

JULIO.

(*A' parte.*) Este homem é a incarnação d'um espirito maligno, que me escarnece.

PEDRO JORGE.

(*Tomando-o pelo braço.*) Vamos ver se no salão já se acha tudo reunido. São quasi cinco horas.

SCENA IV.

A CONDESSA E ROSA, *entrando pela porta da direita.*

CONDESSA.

Tem paciencia, filha. E' necessario resignares-te á vontade de teu pae.

Digitized by Google

ROSA.

Meu pae!.. Oh! elle não pode querer o sacrificio da sua filha.

CONDESSA.

Sacrificio!.. Que exageração! Dão-te para marido um homem da tua escolha: não o podes negar. Ainda há oito dias acceitavas o seu amor e consentias n'este casamento.

ROSA.

Hoje não quero o seu amor, nem acredito n'elle.

CONDESSA.

E' um capricho.

ROSA.

Não. Sinto o frio no coração, sinto a morte na alma ao lembrar-me que a minha vida ficará eternamente ligada á d'esse homem, que aborreço... Não posso convencer-me de que meu pae, que me ama tanto, meu pae, tão justo, tão honrado, independente, com uma fortuna, que dizia só apreciar para fazer a minha felicidade, ceda apenas a uma conveniencia de ambição ou de vaidade. Deve haver um motivo fatal! E qual é elle, que não ousam revelar-m'o? Qual é elle, que obriga meu pae a constranger-me... se elle sabe da minha repugnancia... se aqui não anda alguem mais interessado na minha desgraça?..

CONDESSA.

(*A' parte.*) Pobre pequena! (*Alto.*) Tenho exposto a teu pae a tua repugnancia. Mas esta união é inevitavel. Convenceram-me as suas razões,..

Digitized by Google

ROSA.

Meu pae é virtuoso: não pode querer que eu seja uma má esposa. E eu não posso ser boa, porque não amo o homem, que me querem dar por marido... porque o detesto... porque... amo outro; e uma mulher não deve amar senão o seu esposo. Ha pessoas, que assim não pensam e por isso não comprehendem o meu sacrificio.

CONDESSA.

E' a mim que se dirige esse sarcasmo?.. Olhem a ingenua, que invoca as leis do dever e a rigidez da virtude para desobedecer a seu pae... porque a não deixam casar com o namorado da sua escolha!.. (*Mudando de tom.*) Não é o sarcasmo e a injustiça, o que me afflige; é a ingratidão.

ROSA.

Perdão, senhora condessa. Não sei o que digo. Chegada a este instante de se decidir a minha sorte, não posso resignar-me... Fallarei a meu pae.

CONDESSA.

(*A' parte.*) Tudo está perdido. (*Alto.*) Desconfias de mim?.. Não acreditas?..

ROSA.

Acredito. Mas elle ama-me tanto! As minhas supplicas, as minhas lagrimas hãode convencel-o.

CONDESSA.

Vaes despedaçar-lhe o coração, vaes tornal-o desgraçado e não consegues nada,

Digitized by Google

ROSA.

Saberei ao menos o segredo fatal, que me condemna.

CONDESSA.

(*A' parte.*) Eil-os que chegam. (*Alto.*) Vae, vae fallar a teu pae; só te resta um instante. Talvez o convenças com o teu desespero, com as tuas lagrimas...

ROSA.

(*Com alegria.*) Será possivel!

CONDESSA.

Ha paes, que sacrificam tudo, a sua reputação, o seu nome, a sua fortuna, ao capricho de uma filha.

ROSA.

A sua reputação!.. A sua fortuna!..

CONDESSA.

Vae, mas lembra-te d'uma coisa: se recusares esse casamento, se não assignares hoje esse contracto, jure-te que haverá uma vida em perigo e uma familia deshonrada.

ROSA.

(*A' parte.*) Uma vida em perigo!... Uma familia deshonrada!.. Oh! meu pae!...

Digitized by Google

SCENA V.

AS MESMAS, E ESTEVÃO DA CUNHA.

ESTEVÃO.

Está prompta a noiva? Não falta nada, n'esse caso. Vamos a concluir este acto.

CONDESSA.

(*Baixo a Estevão da Cunha.*) Sua filha vae-lhe talvez fallar....

ESTEVÃO.

Fallar-me!

CONDESSA.

Vae-lhe pedir que a não case. Coisas de creança! Quando chega o momento, todas hesitam. A sua idéa agora é que hade ser freira. E' necessario fallar-lhe seriamente.

ESTEVÃO.

Que loucura!

CONDESSA.

(*Baixo a Rosa.*) Está tão feliz! e queres ainda ir lançal-o na afflicção?...

Digitized by Google

ROSA.

Não... Pela sua honra, pela sua vida darei tudo... Cumpra-se a minha sorte... (*Limpando as lagrimas.*) Casarei com esse homem.

CONDESSA.

(*A' parte.*) Respiro.

SCENA VI.

OS MESMOS, PEDRO JORGE, JULIO, O CONDE DA SILVA, ALGUNS PARENTES E AMIGOS DE ESTEVÃO DA CUNHA, E UM TABELLIÃO. *que vae sentar-se perto da mesa onde está o contracto. Julio fica na extrema esquerda, diante da mesa. Estevão da Cunha falla com o conde e os seus convidados ao fundo. Pedro Jorge dirige-se á condessa. Rosa absorta na sua tristeza, occupa a extrema direita.*

PEDRO JORGE.

(*Baixo á condessa.*) Então?

CONDESSA.

Aqui a tem... senão satisfeita, resignada.

PEDRO JORGE.

Finalmente!

Digitized by Google

ESTEVÃO.

Vamos a isto. Não falta ninguem, a noiva está prompta e o jantar espera-nos.

CONDESSA.

(*Baixo a Pedro Jorge.*) Está satisfeito?

PEDRO JORGE.

Eis a resposta. (*Tira do bolso o maço de cartas, que entrega a' condessa, sem que vejam as pessoas que estão na scena.*)

CONDESSA.

(*Olhando n'um relance as cartas, e arrecadando-as rapidamente.*) Ah!.. Estou salva!

JULIO.

(*A' parte, considerando Rosa.*) Como está pallida, meu Deus!

ESTEVÃO.

(*Para o tabellião.*) Só faltam as assignaturas, não é assim?

CONDESSA.

(*A' parte.*) Tenho remorsos de sacrificar esta creança. (*Baixo a Rosa.*) Olha menina... se queres sempre fallar a teu pae...

ROSA.

(*Tristemente.*) Não, não quero tornal-o desgraçado... A deshonra, meu Deus!...

Digitized by Google

CONDESSA.

Mas se elle souber a tua repugnancia, talvez se possam arranjar as coisas d'outro modo...

ROSA.

Mas não me disse?..

CONDESSA.

Pensei agora melhor... Não vale a pena de tão grande sacrificio.

ROSA.

Oh! Deus a ouça! (*Aproxima-se rapidamente de seu pae, que está conversando com o tabellião.*) Meu pae! (*Toma-o pelo braço, conduzindo-o á frente da scena.*) Meu querido pae, tenho uma coisa a dizer-lhe que até hoje me não atrevia...

ESTEVÃO.

O que é, filha?

ROSA.

Se ama sua filha, se não quer a sua desgraça, não effectue este casamento.

ESTEVÃO.

(*A' parte.*) Bem me dizia a condessa! (*Alto.*) O que significa essa creancice? O que querem dizer esses caprichos? Ha pouco, desejavas este casamento. Mais do que isso, acceitavas os cortejos do noivo antes de pedida a tua mão. Desgostei-me quando soube... confiava mais no teu juizo,

Digitized by Google

ROSA.

Oh! meu pae!..

ESTEVÃO.

E agora que está tudo prompto, para esse casamento, segundo a tua escolha... na presença dos nossos parentes e amigos... é um capricho intoleravel. Não te constrangi... cedi ás tuas inclinações ... mas não cederei aos caprichos... (*Volta para junto do tabellião.*)

ROSA.

(*A' parte.*) A condessa tinha razão. Deve haver um motivo bem forte, para que meu pae me trate assim!..

O TABELLIÃO.

Primeiro, a assignatura dos noivos.

ESTEVÃO.

Senhor Pedro Jorge! Minha filha!

(*Pedro Jorge vae offerecer a mão a Rosa, para a conduzir junto da mesa.*)

JULIO.

(*A' parte.*) Que pallidez mortal! Que expressão de angustia na physionomia!

PEDRO JORGE.

(*Baixo a Rosa.*) Porque treme?

(*Rosa, pallida e tremente, aproxima-se da mesa, pela*

Digitized by Google

mão de Jorge; junto da mesa vae a levantar os olhos do ceo, e vê Julio, a pouca distancia, fixando-a com anciedade; dá um grito.)

ROSA.

Ah! E' elle!

(*Tapa o rosto com as mãos; todos se aproximam, e cae emfim desmaiada, nos braços da condessa e de Pedro Jorge; sentam-n'a n'uma poltrona; movimento geral. O conde, Estevão da Cunha e a condessa exclamam ao mesmo tempo.*)

CONDE.

O que é?

ESTEVÃO.

Minha filha!

CONDESSA.

Rosa!

PEDRO JORGE.

A emoção... talvez...

JULIO.

(*A' parte.*) Deu o grito, quando olhou para mim. E' notavel!...

CONDESSA.

(*Dando-lhe a cheirar um frasquinho, que tira do bolso do vestido.*) Não é nada... Já dá accordo de si... Agora

afastem-se que a affrontam... Deixem-me só com ella... Vou desapertal-a e está restabelecida...

ESTEVÃO.

Passemos á outra sala.

PEDRO JORGE.

(*A' parte.*) Está celebre!... E' já a segunda vez... E' uma mulher, que tem ataques de nervos. (*Saem pelo fundo.*)

SCENA VII.

ROSA, E A CONDESSA.

ROSA.

Ai!.. Succumbiu a minha coragem... É-me impossivel casar com esse homem.

CONDESSA.

E teu pae?

ROSA.

Não quiz attender-me... Ah! lembra-me um meio... é o unico. Fallar-lhe-hei, dir-lhe-hei que o não amo, que amo outro; appellarei para a sua generosidade. A palavra de meu pae ficará assim desonerada... Senhora condessa, peço-lhe que o chame da minha parte...

Digitized by Google

CONDESSA.

Tens razão. Vou chamal-o. Um ou outro ficará convencido. (*Sae.*)

SCENA VIII.

ROSA, *só, indo sentar-se á direita.*

E elle estava aqui, Julio!.. O seu olhar fulminou-me... seria despreso?.. Seria uma recordação?..

SCENA IX.

ROSA, E PEDRO JORGE.

PEDRO JORGE.

(*A' parte.*) Que terá a dizer-me! (*Alto.*) Mandou-me chamar, minha senhora?

ROSA.

(*Levantando-se.*) Senhor Pedro Jorge!.. Vae-lhe parecer estranho, inconsequente, o meu procedimento. Não

Digitized by Google

importa, serei franca. Este casamento não se pode effectuar.

PEDRO JORGE.

Como! Não era assim que pensava, ha oito dias!... E agora...

ROSA.

Não lhe posso explicar mais nada... Condemne embora a minha leviandade. Mas este casamento é impossivel. Appello para o seu cavalheirismo, para a sua lealdade, para a sua honra. Não quererá desposar-me contra a minha vontade!

PEDRO JORGE.

(*Com ardor.*) O que eu não posso é resignar-me, sem combater até á ultima extremidade, contra uma sorte, que me aniquila. Não se diz assim a um homem, que ama uma mulher, que vae pertencer-lhe para sempre: «larga espontaneamente essa felicidade, apaga esse amor, que era a ultima corda, que vibrava na tua alma!»

ROSA.

Mas se eu não posso responder a esse amor!..

PEDRO JORGE.

Alcançal-o-hia á força de dedicação, de desvelos, de sacrificios...

ROSA.

É impossivel... digo-lhe que é impossivel.

Digitized by Google

PEDRO JORGE.

Se eu agora cedesse, merecia o seu despreso. Não me ama agora; mas sei que, sendo minha esposa, jámais trahirá os seus deveres. O resto da minha vida será um perpetuo combate, para obter o amor de uma esposa fiel. O empenho é demasiado glorioso, para que haja de renunciar a elle.

ROSA.

Esses sentimentos lisonjeiam-me, mas fazem a minha desgraça. Ninguem pode domar as inclinações do coração. A realidade é que o não amo, que me é impossivel amal-o; e que me quer desposar contra minha vontade. Será isto cavalheirismo? Será isto generosidade?

PEDRO JORGE.

(*Com fingida excitação.*) Generosidade! Cavalheirismo!... O amor, essa paixão suprema absorve todos os outros affectos do coração humano... Peça-me o impossivel, mas não me peça que renuncie a felicidade divina, á unica, á irresistivel ambição da minha vida... Não se pede a um homem, que já crusa o limiar das portas do paraizo, que lhe volte as costas... Não se diz a quem só falta um passo, para tocar o apice da gloria e da ventura humana, que se precipite no abysmo... (*A' parte.*) Não se diz a quem tem na mão uma fortuna magnifica e uma posição social: «deixa ir isso pela agua abaixo, e continua a ser pobre e miseravel, como d'antes.»

ROSA.

Oh! meu Deus! meu Deus!... Não quer renunciar á minha mão... Mas ninguem me pode obrigar pela força.

Digitized by Google

PEDRO JORGE.

E quando eu quizesse renunciar, quando com menos paixão da minha parte despresasse a mão de quem lhe não correspondia, ainda haveria outros motivos para que este casamento não podesse romper-se. O interesse que n'elle tem seu pae é superior a todas as considerações. O seu futuro, o seu nome... A minha palavra está empenhada para com elle.

ROSA.

Meu pae não me sacrifica por um sentimento de ambição. Se com este casamento evita uma desgraça, ou uma deshonra, é então a minha mão um premio... que paga a venalidade de quem mercadeja com a honra e com a deshonra!...

PEDRO JORGE.

(*A' parte, com impaciencia.*) Onde o diabo da logica se vae encaixar! (*Alto.*) Uma pergunta só. A causa unica da sua recusa é o não me ter amor?... é o escrupulo de dar a mão a um homem, quando o coração é talvez de outro?

ROSA.

Não sei faltar á verdade, e devo dizer-lh'o, já que as minhas supplicas o não decidem. Amo outro... dar-lhe a mão d'esposa na presença d'elle, excede as minhas forças...

PEDRO JORGE.

(*A' parte.*) Na presença d'elle!.. Aquelle grito! Adivinhei ha mais tempo.

Digitized by Google

ROSA.

(*A' parte,*) Que poderá responder a isto?

PEDRO JORGE.

Por que me não tinha fallado, ha mais tempo, com essa franqueza?

ROSA.

(*A' parte.*) Venci-o, finalmente.

PEDRO JORGE.

Eu não peço o impossivel... O coração não casa, o coração fica livre...

ROSA.

(*Com dignidade.*) Basta! que me faz subir a côr ao rosto... Não lhe dei ainda o direito de me offender...

PEDRO JORGE.

(*A' parte.*) Inferno! Ter eu vencido tantos obstaculos e vir a obstinação de uma mulher desmanchar o edificio laborioso da minha ambição... a vontade de uma creança resistir á força da minha vontade! (*Alto.*) Tenho esgotado, para a convencer, todos os argumentos, mesmo — na ultima extremidade — aquelles que o meu caracter desmente. Porém acima da logica e da vontade está já agora uma coisa mais forte, é a necessidade.

Digitized by Google

ROSA.

Não comprehendo.

PEDRO JORGE.

(*A' parte.*) Diz-se que houve um ministro de Hespanha, que obrigou uma rainha a escrever a sua assignatura... (*Alto*) Ha certas coisas, que na sua edade se não comprehendem; ha segredos, que se não revelam a uma menina de dezoito annos. Seu pae e os amigos da sua familia sabem que este casamento é inevitavel... Além está o contracto. (*Pegando-lhe na mão e querendo leval-a.*) É forçoso assignal-o.

ROSA.

(*Resistindo.*) Nunca.

PEDRO JORGE.

(*Levando-a, apesar da resistencia.*) Veremos.

ROSA.

A' força?

PEDRO JORGE.

(*Com violencia.*) A' força!

ROSA.

(*Debatendo-se.*) Acudam-me!.. Meu pae!..

Digitized by Google

PEDRO JORGE.

(*Apertando-lhe o braço.*) Silencio!

ROSA.

(*Dando mostras de sentir a dór no braço.*) Ai!.. por piedade!

SCENA X.

OS MESMOS, E JULIO.

JULIO.

Que é isto?.. Usar de violencia contra uma menina!..

PEDRO JORGE.

Com que direito se vem intrometter onde lhe não compete?...

ROSA.

(*Para Julio.*) Oh!.. livre-me d'elle.

JULIO.

Esteja descansada, minha senhora; está em sua casa.

Digitized by Google

Além d'isso, em quanto eu tiver uma gota de sangue nas veias, ninguem ousará offendel-a.

PEDRO JORGE.

(*Rindo.*) Tamanhas phrases para tão pouca coisa!.. O caso não é para tanto. Esta senhora pertence-me; está-me promettida por seu pae. Empregava os meios, de que se usa contra as creanças teimosas; desempenhava aqui as vezes de seu pae, cuja vontade é que ella assigne aquelle contracto.

SCENA XI.

OS MESMOS, E A CONDESSA.

PEDRO JORGE.

Não é verdade, senhora condessa... que é indispensavel assignar aquella escriptura?

CONDESSA.

(*Com indifferença.*) Indispensavel!... Não. Porém, se se amam e querem casar, hão de assignal-a.

PEDRO JORGE.

(*Baixo á condessa.*) Condessa!

Digitized by Google

CONDESSA.

(*Baixo a Pedro Jorge.*) O que é?

PEDRO JORGE.

Está louca?

CONDESSA.

Pelo contrario; creio que tenho o meu espirito no melhor estado.

PEDRO JORGE.

E o nosso pacto?

CONDESSA.

(*Pondo a mão no seio.*) Já aqui as tenho, as minhas cartas, o precioso talisman.

PEDRO JORGE.

Infame!

CONDESSA.

Nada de estylo. Isso é bom para o theatro.

PEDRO JORGE.

Vingança de mulher!

Digitized by Google

CONDESSA.

Uso das minhas armas. Só os idiotas perdem as occasiões.

PEDRO JORGE.

Cega! E não vê que elles se amam?..

CONDESSA.

Elles!

PEDRO JORGE.

Sim, ella ama esse rapaz... Foi elle quem me roubou o seu coração, e é ella quem rouba o d'elle á condessa.

CONDESSA.

E' possivel!

PEDRO JORGE.

Favoreça agora aquelles ternos amores, se lhe parece... Já vae estando em edade...

CONDESSA.

O que eu vou estando é em edade de ter juiso. É por essa ultima insolencia mesmo, que eu o abandono á sua sorte.

PEDRO JORGE.

Mas perde-o, tambem...

Digitized by Google

CONDESSA.

Na minha edade, não faltam ainda adoradores, quando se querem. (*Indicando Rosa e Julio com o gesto.*) Não acha que é um bonito par?..

PEDRO JORGE.

(*A' parte.*) Falha-me tudo, até a coisa mais infallivel... a vaidade de uma mulher! (*Alto.*) A minha posição é delicada... Nem todos comprehendem o pundonor, que me veda de renunciar a um compromisso... que é mais no interesse dos outros do que no meu. Vou implorar a absolvição da minha palavra áquelle a quem a dei... Se a não conseguir, teremos de resignar-nos, vossa excellencia ao sacrificio, (*Para Rosa.*) e eu á sagrada missão d'empregar o resto dos meus dias na empresa de suavisar.

CONDESSA.

(*A' parte.*) Sem o meu auxilio, veremos o que faz!

(*Saem Pedro Jorge e a condessa.*)

SCENA XII.

JULIO, E ROSA.

ROSA.

(*Deixando-se cair n'uma cadeira.*) Ah!.. Já me fal-

Digitized by Google

tavam as forças para esta lucta. Conheci emfim o travo do veneno nas suas palavras de mel. (*Para Julio.*) Quanto lhe devo!.. Com que nobres palavras tomou a minha defesa!.. Não as poderei esquecer nunca... Creia que o meu reconhecimento...

JULIO.

Reconhecimento, minha senhora!.. Cumpri um dever trivial, que as leis de honra me ditariam para qualquer pessoa...

ROSA.

(*A' parte.*) Para qualquer pessoa!.. (*Alto.*) O meu procedimento hade ter-lhe parecido bem leviano. Ter acceitado, ha tão pouco, este casamento, e hoje rejeital-o... Se soubesse a causa, não me condemnaria.

JULIO.

Condemnar, minha senhora!.. Não tenho esse direito.

ROSA.

Se meu pae persistir em me querer ligar a esse homem... provarei que se enganam os que me avaliam desfavoravelmente... passando n'um convento o resto dos meus dias.

SCENA XIII.

OS MESMOS E ROBERTO.

(*Roberto entra apressadamente, com indicios de quem chega cansado.*)

ROBERTO.

Chego ainda a tempo. (*Deixa-se cair n'uma poltrona.*) Venho morto de cansaço...

Digitized by Google

JULIO.

Roberto!...

ROSA.

Esperei debalde pelo desempenho da sua palavra.

ROBERTO.

Trabalhava no serviço d'ambos.

ROSA, E JULIO.

De ambos!

ROBERTO.

(*Examinando os dois.*) Ou no de cada um, se não querem ficar unidos. (*Para Rosa.*) Escrevi esta manhã a seu pae, afim de adiar a assignatura do contracto. Mas só agora é que elle recebeu a minha carta... Foi um gallego, um maldito cidadão de Tuy que me atraiçoou... E querem a união iberica!... Mas cheguei a tempo... seu pae sabe tudo... O casamento está desmanchado.

ROSA.

(*Com alegria.*) Graças, meu Deus!

ROBERTO.

O ex-noivo acaba de sair d'esta casa..., e dentro em breve d'este paiz...

Digitized by Google

JULIO.

Para a legação de Londres?

ROBERTO.

Não. Para o Brazil, ou para a America Ingleza se não quizer antes ir visitar a Costa d'Africa, por conta do estado... Codigo penal, artigo não sei quantos... Eis o caso. Descobriu-se na secretaria dos negocios estrangeiros um documento falso. Era um officio do nosso enviado em Londres, em que aconselhava a nomeação de Pedro Jorge. Foi facil descobrir o fabricante, já famigerado por outras façanhas da mesma natureza, e achou-se na sua mão uma escriptura, pela qual o sobredito Pedro Jorge se obrigava a pagar ao sobredito falsificador uma somma avultada, garantida pelos bens da sua futura esposa...

ROSA.

Infame!

ROBERTO.

Fui eu quem activei estas indagações... Porém não ficaram aqui os meus successos. (*Voltando-se para Julio.*) Ah! meu Julio, tu vieste fazer desmentir a inflexibilidade do meu caracter... e lançar uma mancha indelevel na reputação da minha independencia... Catão o Censor, como já me chamaram n'um folhetim os meus inimigos politicos, fez-se pretendente... Estou corrupto... subi as escadas d'uma secretaria. Tres dias forrei com a minha casaca as paredes de uma antecamara... Esperei sete horas, entre

Digitized by Google

uma chusma de viuvas e outros pretendentes d'ambos os sexos, pela audiencia de um ministro... Fallei-lhe, e mais do que isso, pedi-lhe!... Creio que pela novidade... pelo espanto, que causou o meu procedimento, fizeram-me tudo quanto desejava. Em logar de Pedro Jorge, está nomeado secretario para a missão extraordinaria de Londres, o joven e talentoso bacharel, Julio de Athaide.. Aos vinte e dois annos... eis uma posição brilhante!

JULIO.

Oh! meu amigo, meu bemfeitor!...

ROBERTO.

Então não é verdade que trabalhei para cada um... separadamente?

ROSA, E JULIO.

É verdade.

ROBERTO.

Pois vou-lhe provar que tambem trabalhei para ambos ao mesmo tempo. O governo consente ainda em dar ao muito honrado senhor Estevão da Cunha o titulo promettido, casando a sua estimavel filha com o joven diplomatico, aqui presente.

ROSA E JULIO.

Ah!

ROBERTO.

O pae consente n'este ditoso consorcio. Pode haver uni-

Digitized by Google

camente uma difficuldade invencivel na realisação do projecto. (*Pausa. Os dois olham com anciedade para Roberto*). A plena e livre recusa de alguma das duas altas partes contractantes. (*Aponta para os dois que ficam silenciosos; depois levanta-se, e diz baixo a Julio.*) Ainda amas a condessa?

JULIO.

Não a amei nunca. Pensei um momento que a amava, por despeito.

ROBERTO.

E esta?

JULIO.

Amar-me-ha ella?

ROBERTO.

Ha um meio muito simples de o saber.

JULIO.

Qual é.

ROBERTO.

É perguntar-lh'o. (*Baixo a Rosa.*) Ainda pensa como n'aquella noite do baile?

ROSA.

E a condessa?

Digitized by Google

JULIO.

(*Adiantando-se para Rosa.*) Minha senhora, eu espero com anciedade a minha sentença.

ROSA.

(*Baixando os olhos.*) Eu obedeço a meu pae.

ROBERTO.

(*A' parte.*) Agora já obedece. (*Alto, como fingindo que implora, tomando as mãos dos dois.*) Então por condescendencia com o ministro resignam-se a.... (*Fazendo menção de lhe unir as mãos.*)

JULIO.

(*Com effusão.*) Resignar-me a ser o homem mais feliz da terra!...

ROSA.

Já não odeia estas donzellas sem coração, estas almas de gelo, que só cedem á lisonja!...

JULIO.

Como?... Pois ouviu essas palavras!... Tenho direito ao seu perdão. Foram injustas, mas ditadas pelo ciume....

Digitized by Google

ROBERTO.

(*Unindo-lhes as mãos.*) Explicaram-se perfeitamente.

UM CRIADO, *da porta do fundo.*

Dou parte a vossas excellencias que está o jantar na mesa.

FIM.

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

OBRAS QUE SE VENDEM EM CASA DO EDITOR A. J. F. LOPES LIVREIRO, RUA AUREA, 227 E 228.

Panorama, semanario de instrucção e litteratura, fundado em 1837, e redigido por muitos escriptores distinctos. Publica-se regularmente todos os sabbados um numero contendo 16 columnas de folio com excellentes gravuras em madeira. Preço por assignatura — em Lisboa — anno 1:300 rs. — semestre 700 rs. — nas Provincias (franco) anno 1:570 rs. — semestre 830 réis.

Poesias de M. M. de B. du Bocage, colligidas em nova e completa edição, dispostas e annotadas por I. F. da Silva, e precedidas de um estudo biographico e litterario sobre o poeta, escripto por Luiz Augusto Rebello da Silva. Edição completa em 6 volumes de 8.° francez com mais de 400 paginas cada um. Preço..... rs. 4:320

Natureza das Coisas, POEMA de T. Lucrecio Caro, traduzido do original latino para verso portuguez por A. J. de Lima Leitão. 1851-1853. 2 vol. 8.° br..... rs. 800

Fastos da Igreja, historia da vida dos santos, ornamentos do Christianismo, publicada por L. A. Rebello da Silva, com censura e autorisação do patriarchado. Publica-se em cadernos de 150 paginas; cada volume comprehende dois cadernos. — Estão publicados 4 cadernos, que constituem o 1.° e 2.° volumes, contendo a *Vida de Nosso Senhor Jesus Christo* completa: preço de cada volume em Lisboa 480 rs., e nas provincias 320 rs.

Poesias DE L. A. PALMEIRIM — 2.ª edição, augmentada e correcta. 1 vol. de 8.° francez..... rs. 600

Os Homens de Marmore, drama em 5 actos, por JOSE' DA SILVA MENDES LEAL JUNIOR, com um prologo pelo autor, um proloquio pelo sr. L. A. Rebello da Silva, e um esboço critico pelo sr. Lopes de Mendonça. 1 vol. de 8.° francez..... rs. 480

O Homem de Ouro, drama em 3 actos (continuação dos Homens de Marmore) por JOSE' DA SILVA MENDES LEAL JUNIOR, com um prologo pelo autor, e um juizo critico pelo sr. Ernesto Biester. 1 vol. de 8.° francez br..... rs. 300

Rudimentos de Economia Politica, para uso das escólas por F. A. Marques Pereira. 1 vol. 8.° br..... rs. 200

Addições ao Manual do Tabellião, por F. V. da Silva Barradas. 1 vol. 8.° francez, br..... rs. 200

Memorias de Litteratura Contemporanea, por A. P. Lopes de Mendonça. 1. vol. de 8.° francez..... rs. 720

Medicina Legal, por Sédillot; traduzida pelo doutor Lima Leitão — 2.ª edição, augmentada de notas. 2 vol., em 8.° francez. rs. 1:200

A Cruz, drama em 3 actos por Luiz de Vasconcellos d'Azevedo e Silva. 1 vol. 8.° francez..... rs. 320

Um Quadro da Vida, drama em 5 actos, por Ernesto Biester, com um prologo pelo sr. L. A. Rebello da Silva, e um juizo critico pelo sr. L. de Mendonça. 1 vol. 8.° fr..... rs. 480

A Herança do Chanceller, comedia em 3 actos e em verso, pelo sr. José da Silva Mendes Leal Junior, 1 vol. 8.° br. rs. 400

A Redempção, comedia-drama em 3 actos, por Ernesto Biester, com uma introducção pelo sr. Mendes Leal Junior, 1 vol. 8.° fr. rs. 360

Digitized by Google

Othello ou o Mouro de Veneza, tragedia em 5 actos, imitação por L. A. Rebello da Silva. 1 vol. 8.° fr. . . . . rs. 300

Illustração Luso-Brazileira, periodico universal, collaborado pelos nossos mais distinctos escriptores. Publica-se regularmente todos os sabbados um numero contendo 24 columnas de grande formato e ornado de excellentes gravuras em madeira. Preço por assignatura — em Lisboa — anno 3:600 rs.; semestre 1:920 rs.; trimestre 1:000 rs.; numero avulso 120 rs. — nas provincias (franco) anno 4:000 rs.; semestre 2:100 rs. — ultramar e estrangeiro (moeda forte) 5:000.

Dois Casamentos de Conveniencia, comedia em 3 actos por L. A. Palmeirim. 1 vol. 8.° fr. rs. 360

Dalila. Drama em 4 actos e 6 quadros, por A. de Serpa, 1 vol. 8.° fr. rs. 100

CAMÕES E O JÃO, scena dramatica, por Casimiro Abreu, 8.° rs. 100

DUAS EPOCAS DA VIDA, comedia em 3 actos por E. Biester. 8.° rs. 240

CAMÕES DO ROCIO, comedia em 3 actos por I. M. Feijóó, 1 vol, 8.° francez, rs. 300

CASAMENTO E DESPACHO, comedia em 3 actos por A. de Serpa. 320

Camões do doutor Francisco Soares Franco Junior, 1 vol. em 8.° francez. 480

No prelo:

A TORRE DO CORVO, drama em 4 actos e um prologo pelo autor do Camões do Rocio.

CHRONICA DA RAINHA D. MARIA II.

Terceiro e ultimo volume da ENEIDA DE VIRGILIO, traducção de J. V. Barreto Feio.

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google